**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

ALESSANDRA COFANI

**JUVENTUDE E CONSUMO DE ALCOOL ENTRE JOVENS
DE DISTINTOS GRUPOS SOCIAIS**

**SÃO PAULO
2012**

ALESSANDRA COFANI

**JUVENTUDE E CONSUMO DE ALCOOL ENTRE JOVENS
DE DISTINTOS GRUPOS SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Cuidado em Saúde

Orientadora: Prof^a Dr^a Célia Maria Sivalli Campos

**SÃO PAULO
2012**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

ASSINATURA: _____ Data: ____ / ____ / ____

Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Cofani, Alessandra

Juventude e consumo de álcool entre jovens de
distintos grupos sociais / Alessandra Cofani. -- São Paulo,
2012.

93.p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem da
Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Célia Maria Sivalli Campos

Área de concentração: Cuidado em saúde

1. Jovens 2. Álcool 3. Drogas de abuso 4. Classes sociais
5. Saúde pública I. Título.

NOME: ALESSANDRA COFANI

TÍTULO: Juventude e consumo de álcool entre jovens de distintos grupos sociais

Dissertação apresentada à Escola de
Enfermagem da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de
Mestre em Ciências.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Serge e Antenor, as pessoas mais especiais da minha vida, Concretizo mais esta etapa da vida graças a eles!

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pela força que me deu nos momentos de dificuldades e pelas pessoas que colocou no meu caminho durante esta jornada.

A minha família, em especial aos meus pais, Serge e Antenor, os quais estiveram sempre ali no telefone para me escutar e acalmar meu coração nos momentos de dificuldades, mesmo que estivessem sofrendo juntos. Nunca deixaram de me apoiar e sempre queriam fazer algo para ajudar.

A family toda, em especial aos meus irmãos, Warley e Andreia e a tia Catarina pelas orações e pelos pensamentos positivos de que tudo iria dar certo, e deu. Ao sorriso e a voz dos meus sobrinhos que sempre me alegrava, Fran, você entra nessa também viu!?

Ao José Henrique, companheiro, confidente, meu apoio presencial, que sempre foi muito paciente, me escutou, me deu broncas e esteve sempre ao meu lado, compreendeu minha ausência em vários momentos, mas nunca deixou de estar ao meu lado.

A Célia, orientadora atenciosa, uma mãe, que sempre esteve pronta para ajudar em todos os momentos, sempre com palavras sábias para controlar minhas angústias.

Agradeço imensamente as amigas que fiz durante este processo, Eloá, Érica, Geisa, Karen e Vânia, com quem conversava sempre sobre o assunto mestrado, dando apoio, passando energias positivas e relatos das próprias experiências. Agradeço também pela atenção total que me deram nestes dias finais, o que foi imprescindível para mim.

A todos os meus amigos, as meninas do apê pela paciência e ajuda nos momentos de cansaço.

A todas as pessoas que passaram na minha vida, e que participaram de forma direta ou indireta deste processo de aprendizagem.

E finalmente aos jovens que participaram desta pesquisa.

Cofani, A. Juventude e consumo de álcool entre jovens de distintos grupos sociais [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2012.

RESUMO

Este estudo teve como objeto o consumo de álcool por jovens. O objetivo geral foi compreender as características do consumo de álcool por jovens de diferentes grupos sociais. Para isso identificou e analisou similaridades e diferenças: nas concepções de juventude e nas características do consumo de bebidas alcoólicas entre jovens de diferentes grupos sociais. A população do estudo foi composta por jovens de instituições de ensino e participantes de instituição de assistência social que acolhe pessoas em situação de rua, assegurando-se que estivessem contemplados jovens dos diferentes grupos sociais. Os dados foram obtidos por meio de grupos focais, guiados por roteiro e analisados pelo método da análise temática de conteúdo. Este estudo tomou juventude como categoria social, compreendida como fase da vida compartilhada pelos jovens, porém desigualmente definida pelas diferentes inserções sociais e compreende que o consumo de drogas na contemporaneidade passou a responder à lógica central do capitalismo - a finalidade primordial de produzir lucro - e adquiriu as características de mercadoria. A análise mostrou, no tocante à concepção de juventude, que as similaridades encontradas entre os jovens entrevistados foram: a compreensão da juventude como período transitório e de preparo para a vida adulta; juventude como período de pouca responsabilidade. Já as principais diferenças encontradas foram: desiguais vivências dessa etapa, desiguais possibilidades de desenvolvimento de autonomia e de vislumbre de perspectiva de futuro melhor, com vantagem para os jovens de mais acesso a bens. Quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, a similaridade entre os jovens é a valorização do álcool como fonte de prazer e de promoção da sociabilidade. Com relação às diferenças verificou-se que as idades de início foram mais precoces e as primeiras experiências de consumo ocorreram em locais desprotegidos, quando considerados os jovens com menos acesso a bens. Entre os de melhor situação socioeconômica o consumo de álcool é um entre vários outros prazeres que o jovem desfruta, e os excessos parecem estar mais circunscritos a essa etapa da vida. Os resultados evidenciaram a necessidade das políticas públicas encaminharem projetos que contemplem a heterogeneidade social dos jovens e que considerem as condições de reprodução social nas bases de suas necessidades de saúde.

Descritores: juventude, drogas, consumo de bebidas alcoólicas, classe social, saúde coletiva, atenção primária à saúde.

Cofani A. Youth and alcohol consumption among young people from different social groups [dissertation]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2012.

ABSTRACT

This study had as object the alcohol consumption by young people. The general goal was understand the characteristics of alcohol consumption by young people from different social groups. For that, it has indentified and analyzed similarities and differences: in youth conceptions and characteristics of alcoholic beverages consumption among young people from different social groups. The study's population was composed by young from educational institutions and participants from social welfare institution that welcomes people into the streets, ensuring that distinct social classes were contemplated. The data were obtained by mean of focal groups, guided by script and analyzed by the method of thematic content analysis. This study takes youth as social category, known as life period shared by young, but unequally defined by different social inserts and perceives that drug consumption has in contemporary answer the central logic of capitalism - the primary purpose of producing a profit - and acquired the characteristics of goods. The analysis showed, as regards the conception of youth, that the similarities found among the young people interviewed were: comprehension of youth as a transitional period and preparation for adult life, youth as a period of little responsibility. Yet the main differences found were: unequal experiences of this stage, unequal opportunities for development of autonomy and insight of perspective for a better future, to the advantage of more young people access to goods. Regarding the consumption of alcoholic beverages, the similarity among young people is the importance of alcohol as a source of pleasure and to promote sociability. Regarding the differences we found that age of onset was earlier and the first consumer experiences occurred in unprotected places, when considered young people with less access to goods. Among the ones with better socioeconomic, alcohol consumption is one of several other young man enjoying the pleasures and excesses seem to be more confined to this stage of life. The results showed the need for public policies report projects that contemplate the social heterogeneity of young people and consider the conditions of social reproduction on the basis of their health necessities.

Descriptors: Adolescent, Substance-related disorders, Alcoholism, Social class, Public health

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
1 INTRODUÇÃO	10
1.1 ESTUDOS EPIDEMIOLÓGICOS	12
1.2 ASSOCIAÇÃO ENTRE PADRÕES DE CONSUMO DE ÁLCOOL E INSERÇÃO DE JOVENS EM DIFERENTES CLASSES OU GRUPOS SOCIAIS	18
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	21
2.1 JUVENTUDE: UM CONCEITO SÓCIO-HISTÓRICO	22
2.2 O CONSUMO DE DROGAS NA CONTEMPORANEIDADE.....	25
3 OBJETIVOS	29
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
4.1 CAMPO DE ESTUDO.....	32
4.2 COLETA DE DADOS.....	33
4.2.1 <i>Sujeitos da Pesquisa</i>	33
4.2.2 <i>Instrumento da Coleta de Dados</i>	34
4.2.3 <i>Aspectos éticos</i>	36
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE.....	37
5.1 CONCEPÇÃO DE JUVENTUDE	38
5.2 CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS	54
6 DISCUSSÃO	68
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICES E ANEXO.....	90

A large, light gray decorative swirl or floral motif that curves from the top right towards the bottom left, framing the text. It features elegant curves, small leaves, and a series of dots at its top end.

Apresentação

APRESENTAÇÃO

Meu interesse sobre a temática surgiu durante a graduação em enfermagem, quando participei de projetos com jovens estudantes de escolas municipais da cidade de Três Lagoas/MS, sobre sexualidade e uso/abuso de drogas, em parceria com o Programa municipal DST/Aids – Redução de Danos. Outro fator que reforçou meu interesse sobre o assunto foi o trabalho de conclusão de curso sobre o uso de anfetaminas associado a bebidas alcoólicas por caminhoneiros.

Refletindo sobre os dois trabalhos em que eu participei, tanto jovens quanto adultos utilizam substâncias caracterizadas como drogas. Porém este consumo iniciou-se quando? Onde? Com quem? Por quê? Em que situação?

No final da graduação em enfermagem, no ano de 2008, entrei em contato com a Professora Célia Maria Sivalli Campos, que hoje é minha orientadora no mestrado, a qual me convidou a participar das reuniões do grupo de pesquisa “Fortalecimento e desgaste no trabalho e na vida: bases para a intervenção em saúde coletiva”.

Em 2009 conheci o grupo de pesquisa, frequentei e participei das reuniões. Em 2010 ingressei no mestrado que agora estou finalizando com esta pesquisa sobre as características do consumo de bebidas alcoólicas por jovens de diferentes grupos sociais.

A large, light gray decorative swirl or floral motif is positioned on the right side of the page, extending from the top to the bottom. It features elegant curves, loops, and small leaf-like details.

1 Introdução

1 INTRODUÇÃO

Há consenso, no imaginário social, da juventude como período difícil da vida, tanto para os jovens quanto para os que convivem com eles.

Esse consenso vem sendo “construído”.

O tema da juventude tem sido associado a situações problemáticas que afrontam as regras sociais, tornando-se objeto das mídias e motivo de preocupação para o poder público, instituições sociais e para grande parte da população.

Em parte essa preocupação deve-se ao aumento de atos de violência entre jovens de classe média (Birman, 2007; Sposito e Carrano, 2003) e a presença de condutas “transgressoras e desviantes” (Corti, Souza, 2005: 24) que passaram a ocupar espaços de destaque nas mídias.

Para (Corti, Souza, 2005, p. 24) os jovens são introduzidos a regras e instituições sociais que lhes são apresentadas, sem que tenham sido envolvidos na construção delas. Por isso, ao deparar-se com o funcionamento social que “insiste em convencê-los de que este é ‘o melhor dos mundos’, os jovens”, por serem ingressantes e estarem mais abertos do que os adultos a novas experiências, tem maiores possibilidades de se incomodarem e de questionarem o funcionamento social estabelecido.

A expressão desse estranhamento ocorre principalmente sob a forma de integração do jovem à sociedade ou de ruptura, questionando a ordem social imposta. As contestações podem ser expressas por meio de movimentos sociais da categoria ou de condutas “transgressoras e desviantes” (Corti, Souza, 2005, p. 24).

Dessa forma vai se constituindo predominantemente no imaginário social a tendência da expressão de ruptura do jovem com a ordem social, que põe “em xeque a continuidade da vida social e a manutenção do *status quo*” (Corti, Souza, 2005, p. 24).

As condutas extravagantes, ou especialmente as associadas com ruptura de normas sociais, que no passado eram associadas a comportamento de jovens “rebeldes sem causa”, na contemporaneidade são facilmente julgadas como consequência do consumo de drogas.

Possivelmente a associação entre atos infracionais e consumo de drogas pelos jovens (Heim, Andrade, 2008), tem sido motivo de preocupação social, com especial destaque para o consumo de drogas ilícitas embora, segundo Ott (1993), o consumo de álcool seja até dez vezes maior do que o consumo de drogas ilícitas e mesmo que haja evidência entre consumo de álcool por jovens e comportamento de risco (Scivoletto et al, 1999).

Contudo o álcool é, tanto por adultos como por jovens, menos identificado com droga do que as substâncias psicoativas ilícitas. Relatório feito a partir de relato de jovens mostrou que em regiões periféricas das cidades, as drogas ilícitas, o sexo e a violência são considerados mais preocupantes do que o consumo de álcool, embora os jovens tenham acesso fácil a esta substância tanto em estabelecimentos comerciais quanto em festas (Ibope, 2011).

Dados recentes do Ministério da Saúde indicavam que importante parcela (21,4%) entre os consumidores de álcool maiores de 18 anos, tinha entre 18 e 24 anos, ou seja, estava na faixa etária juvenil (Brasil, 2010).

1.1 ESTUDOS EPIDEMIOLÓGICOS

Entre estudantes universitários de todas as regiões do Brasil o álcool é a substância mais utilizada pelo jovens, seja ao longo da vida (86,2%), ou nos últimos 12 meses (72%) (Andrade, Duarte, Oliveira, 2010). Estudo realizado entre universitários paulistas obteve o mesmo resultado (Silva et al, 2006).

Estudos de característica epidemiológica têm evidenciado a diminuição da idade de início do consumo de álcool pelos jovens (Martins et al., 2008; Pechansky et al., 2004; Maya Sánchez e García Zavala, 1986; Strauch et al., 2009; Muza, Betiol, Barbieri, 1997; Alves et al., 2005; Fraile Duvicq, Pereira, Carvalho, 2004 (11); Bertoni et al., 2009). Também há resultados de estudos que mostram que desde a década de 1990 o aumento do consumo tem apresentado um crescimento linear (Barroso et al., 2009;

Muza, Betiol, Barbieri, 1997; Oderich et al., 1995; Fraile Duvicq, Pereira, Carvalho, 2004).

A média de idade de início do consumo de álcool por menores de 18 anos, segundo pesquisa realizada pelo Ibope (2011), foi 13,1 anos, enquanto entre adultos é de 17,8 anos e também que 71% dos menores de 18 anos consumiram álcool no último ano, sendo que dentre esses a faixa etária que mais consumiu foi entre 16 e 17 anos (78%), enquanto entre os maiores de 18 anos eram 64% os que consumiram álcool no último ano. Já entre os maiores de 18 anos, a média de idade dos que fizeram uso mais freqüente (duas ou mais vezes por semana) era 21,4 anos, enquanto entre os menores de 18 a média era 14,3 anos. Em ambos os grupos etários o consumo foi menor entre os evangélicos (Ibope, 2011).

Entre os jovens tem sido observado que o consumo é praticamente igual, ou com pequena diferença, entre jovens do sexo masculino e do feminino (Farias Junior, Lopes, 2004; Strauch et al., 2009; Martins et al., 2008; Armendáriz et al., 2008; Costa et al., 2007; Horta et al., 2007; Oderich et al., 1995; Carlini et al., 1986), diferentemente do consumo entre adultos, que entre os homens é de três até 11 vezes maior do que entre mulheres (Almeida-Filho et al., 2004).

A visibilidade do consumo de drogas pelos jovens deve-se à preocupação social com as conseqüências desse consumo - associação entre o consumo de bebidas alcoólicas e a exposição dos jovens a comportamentos de risco, que têm como conseqüência prejuízos, tanto diretos – a intoxicação, quanto indiretos - como relação sexual desprotegida, violência e envolvimento em acidentes de trânsito, decorrentes do rebaixamento da crítica e dos reflexos motores (Farias Junior et al., 2009; Bertoni et al., 2009; Armendáriz et al., 2008; Da Silva et al., 2001; Sampaio Filho et al., 2010).

Na literatura as explicações para o início do consumo de álcool pelos jovens vão desde a aceitação social do consumo, a falta de controle legal, passam pelas influências associadas a aspectos emocionais característicos dessa fase da vida e associadas a hábitos culturais e padrões de consumo da família desses jovens. Foram também encontrados estudos que abordam

as influências da religiosidade e dos hábitos de atividades físicas no controle do consumo.

Para Muza, Betiol, Barbieri (1997) o contato com o álcool em idades mais precoces deve-se ao fato dessa substância ser mais aceita socialmente do que as demais, principalmente as ilícitas. Castro, Abramovay (2002) afirmaram que o álcool é uma droga institucionalizada.

Muza, Betiol, Barbieri (1997) também atribuíram ao início do consumo de bebidas alcoólicas em idades mais precoces o fato desse consumo ser pouco controlado e pouco inibido. Nessa mesma direção, Romano et al. (2007), Vieira et al. (2007) enfocaram a facilidade com que os jovens com menos de 18 anos conseguem adquirir a bebida em estabelecimentos comerciais, mesmo não sendo permitido por lei.

Já estudos advindos da área da Psiquiatria e Psicologia enfocavam como influências ao consumo de álcool, por jovens, as características ligadas a aspectos da personalidade - ser tímido, sensível a críticas e solitário (Oliveira, Luis, 2005; Vieira et al., 2008), outros associavam a predisposição ao consumo a aspectos emocionais como: construção da identidade, resposta à baixa auto-estima (Maisler, 2007; Armendáriz et al., 2008), para relacionar-se com grupos de pares (Maisler, 2007; Galletti, 2001) e para socializar-se em festas e bares (Sampaio Filho et al., 2010), como expressão e comprovação de masculinidade (Mendoza, 2004) e como fruto da curiosidade (Oliveira, Luis, 2005).

Também foram encontrados estudos que associavam o consumo de bebidas alcoólicas pelos jovens a hábitos familiares relacionados à ingestão dessa substância, tanto no que dizia respeito a ter algum membro próximo na família que consumia bebidas alcoólicas (Martins et al., 2008; Mathews e Pillon, 2004) quanto hábitos culturais, como o início do consumo de vinho em idades precoces, juntamente com a família, por jovens no Rio Grande do Sul que moravam na zona rural de região de colonização italiana (Azevedo et al., 1991).

Nessa direção, Chalder et al. (2005) mostraram que filhos de pais que fazem o uso abusivo de álcool estão mais propensos ao consumo prejudicial

dessa substância. Já filhos de pais não bebedores têm cerca de quatro vezes menos chances de consumo abusivo de bebidas alcoólicas.

Resultados semelhantes foram encontrados por Araújo, Gomes (1998), no que diz respeito à relação entre padrões de consumo de álcool pelos jovens e consumo de álcool da família. Os autores encontraram, dentre os jovens estudados, que os abstinentes tiveram contato tardio com a substância e a família consumia álcool apenas em ocasiões festivas. Os jovens que bebiam moderadamente tiveram contato precoce com a substância e a família consumia bebidas, de baixo teor alcoólico, nos finais de semana. Já as famílias dos jovens com padrão de consumo elevado faziam uso mais frequente de bebidas, de médio ou alto teor alcoólico.

Ainda no que diz respeito à associação entre a relação familiar e o uso de drogas, resultados de estudo com jovens estudantes bolivianos mostraram uma associação entre esse consumo pelos jovens com o consumo de drogas por familiares e a baixa escolaridade do chefe da família (Oliveira e Luis, 2005).

Corradi-Webster, Esper, Pillon (2009) sinalizaram a importância de se atentar e considerar também os aspectos positivos associados ao consumo de drogas, ao se desenvolver projetos educativos com jovens.

No que diz respeito especificamente ao consumo de bebidas alcoólicas, Cooper et al. (1995) evidenciaram que existem motivações positivas, associadas a experiências de vida satisfatórias, como contatos e participação social frequente, sociabilidade; e as motivações negativas, relacionadas ao estresse, problemas de saúde e eventos desagradáveis.

Estudo realizado por Araújo, Gomes (1998) destacou que a relação de prazer associada ao consumo de álcool entre os jovens que participaram do estudo era diferente, quando se considerou os diferentes padrões de consumo.

Os jovens que bebem moderadamente apontaram a tontura e a desinibição excessiva - conseqüências da embriaguez – como os únicos efeitos desagradáveis. Já dentre os que fazem consumo elevado não há descrição de efeitos desagradáveis. Os jovens que bebem esporadicamente relataram como efeitos agradáveis o riso, alegria e desinibição. Pelos jovens

dos padrões de consumo moderado e elevado foram relatados como efeitos agradáveis a melhora da sociabilidade, ou a aceitação facilitada pelo grupo de amigos, a prova de maturidade, por parecer adulto, a facilitação da sexualidade e a superação da desinibição, o esquecimento de problemas, a característica de ser estimulante e calmante (Araújo, Gomes, 1998).

Há autores que salientam que as expectativas dos jovens em relação aos efeitos do consumo do álcool, mesmo antes de começarem a beber, influenciam o início e a continuidade desse consumo (Araújo, Gomes, 1998; Herran, Ardila 2009).

Araújo, Gomes (1998, p.2), apoiados em outras referências bibliográficas, afirmaram que:

(...) as expectativas de bebedores mais frequentes, em geral, relacionam-se com os seguintes aspectos: mudanças no comportamento social; aumento da agressividade; mais prazer e melhor desempenho sexual; aumento de poder; redução de tensão. Por sua vez, bebedores menos frequentes apresentaram expectativas amplas de aumento de prazer.

Já no que diz respeito ao controle do consumo de álcool, há relato de que a prática religiosa na juventude ou a educação religiosa na infância podem contribuir para a moderação do consumo, (Carvalho, Cotrim, 1992; Dalgarrondo et al., 2004; Martins et al., 2008; Musayón e Caufield, 2005), ao contrário da prática de atividades esportivas, que segundo estudo de Carvalho, Cotrim (1992) não tem relação com o controle, ou com a moderação do consumo.

As explicações apresentadas pelos autores acima se aproximam da teoria da multicausalidade para o processo, foram abordados vários aspectos que influenciam o consumo de álcool por jovens e tomam os jovens como um estrato da sociedade caracterizado pela faixa etária. Essa caracterização não contempla a heterogeneidade, característica das diferentes inserções nos diversos grupos sociais.

Há autores, todavia, que buscaram compreender as causas do aumento do consumo de álcool entre os jovens considerando os processos estruturais no estímulo ao uso dessa substância – o processo de

industrialização e urbanização das últimas décadas, as crises econômicas que continuam dificultando a inserção dos jovens no mercado de trabalho, causando a insatisfação de suas necessidades, bem como o aumento da produção industrial de bebidas alcoólicas (Muza et al., 1997) que traz como consequência natural a necessidade da empresa produtora de estimular o consumo da mercadoria produzida.

Nessa direção, estudos evidenciaram a pressão que o mercado produtor da substância faz para estimular o consumo de álcool entre os jovens, Muza et al. (1997), Pechansky et al. (2004), Pinsky, Jundi (2008), Carlinni-Marlatt (2008), Vendrame et al. (2009), Sampaio Filho et al. (2010) evidenciaram que a propaganda é voltada ao público jovem, o qual é sensível a mensagens que associem consumo a identidade geracional, divulgando a bebida alcoólica como um produto qualquer, que propicie o relaxamento, camaradagem e humor, embora seja proibida para menores de 18 anos, pela legislação brasileira. Vendrame et al. (2009) mostraram que quanto mais os jovens apreciam a propaganda, maior é a probabilidade que eles consumam o produto divulgado, pois o fixam na lembrança.

Mostrando a associação entre um produto bastante difundido especialmente entre os jovens – os energéticos - e bebidas alcoólicas, entre estudantes de educação física, na Argentina, Ballistreri, Corradi-Webster (2008) mostraram que o consumo de bebidas energéticas estava mais associado a momentos de lazer - em danceterias, bares e festas, do que em situações de condicionamento físico, promessa desse tipo de bebida.

As autoras identificaram que o consumo de bebida energética pela maior parte dos jovens estudados era feito misturado principalmente aos destilados, com a justificativa de melhorar o sabor da bebida. Um número significativo dos jovens que associam bebidas alcoólicas e energéticas relataram que o consumo aumenta quando as duas substâncias são agregadas (Ballistreri, Corradi-Webster, 2008).

1.2 ASSOCIAÇÃO ENTRE PADRÕES DE CONSUMO DE ÁLCOOL E INSERÇÃO DE JOVENS EM DIFERENTES CLASSES OU GRUPOS SOCIAIS

Muza et al. (1997, p. 167), em estudo realizado com adolescentes estudantes do ensino fundamental e médio, afirmaram que há diferentes padrões de consumo de drogas – lícitas e ilícitas – quando se considera as diferentes classes/frações de classes sociais. No que diz respeito ao consumo de álcool, referem que há uma tendência de maior prevalência nos extremos da escala social, com diferença na forma desse consumo, entre as diferentes frações de classe.

Na mesma direção, em estudo realizado com homens adultos franceses, Rouillier et al. (2003) identificaram que os aspectos socioeconômicos, sociodemográficos e os estilos de vida influenciam no padrão de consumo de bebidas alcoólicas. Quanto mais anos estudados e quanto maior a renda desses homens, melhor a qualidade da bebida ingerida. As menores porcentagens de abstinentes à bebida alcoólica foram encontradas entre os homens trabalhadores braçais, desempregados e inativos.

Com a colaboração a WHO e do estudo Health Behaviour in School-aged Children (HBSC), Elgar et al. (2005) realizaram pesquisa com jovens de 11, 13 e 15 anos, de 34 países, agrupando os de maior diferença de renda entre seus habitantes e noutro grupamento os de menor diferença de renda. Jovens de 11 e 13 anos dos países que apresentavam maior diferença de renda entre a população consumiam mais bebidas alcoólicas que os jovens da mesma faixa etária em países onde há menor diferença de renda. O autor também encontrou entre os jovens de 11 anos pertencentes aos países com maior diferença de renda que estes se embriagavam mais do que os jovens pertencentes à mesma faixa etária nos países onde a diferença de renda é menor. Esse padrão não se repetiu entre os jovens mais velhos da amostra.

Hanson, Chen (2007) observaram, em revisão de literatura, que se associa status socioeconômico a comportamentos saudáveis em

adolescentes/jovens de 10 a 21 anos. Grande parte dos estudos encontrou correlação entre o status socioeconômico de jovens e comportamentos saudáveis, no que diz respeito à prática de atividades físicas e aos hábitos nutricionais, quanto mais alto o status socioeconômico, mais saudáveis são esses hábitos. Já no que diz respeito ao consumo de tabaco, os estudos examinados mostraram a correlação inversamente proporcional entre o status socioeconômico e o consumo dessa droga. Quanto ao consumo de álcool e maconha, é bem menor o número de estudos que relataram associação significativa entre o consumo dessas drogas por adolescentes/jovens e o status socioeconômico, diferentemente da correlação significativa encontrada entre adultos, evidenciando que o consumo de bebidas alcoólicas está presente entre jovens dos diferentes status socioeconômico.

Os estudos examinados mostraram que durante a adolescência o consumo de álcool e maconha é mais fortemente influenciado pelos pares, na convivência social - geralmente na escola, do que pelo status socioeconômico da família. Provavelmente em função do número de horas do dia que os jovens passam na escola ser maior do que o despendido na companhia dos pais, tornando a influência pelos pares mais significativa do que o status socioeconômico da família (Hanson, Chen 2007).

Em estudo que buscou descrever o contexto instaurador de necessidades de saúde de adolescentes, Soares et al. (2000), sinalizaram que são diferentes as necessidades dos jovens de diferentes grupos sociais. Quanto à convivência com as drogas, afirmaram que é mais presente à medida que se caminha para os grupos de menor acesso a bens.

Estudo referente a valores associados ao consumo de drogas por jovens de diferentes grupos sociais, em Santo André, realizado por Lachtim, Soares (2011), mostrou que há valores que se assemelham entre jovens dos diferentes grupos sociais e valores que diferem entre eles.

Os jovens dos grupos sociais com maior acesso a bens – materiais e imateriais – atribuem ao consumo de drogas uma fonte de prazer e, especialmente no que diz respeito ao consumo de álcool, a facilitação da sociabilidade entre eles. Entre jovens dos grupos sociais com menor acesso

a bens – materiais e imateriais –o consumo de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, foi retratado mais fortemente associado à dependência, como uma doença, e ao envolvimento com as drogas via tráfico, provocando um desastre na vida do jovem e das pessoas com quem ele convive (Lachtim, Soares, 2011).

Resultados dessa mesma pesquisa evidenciaram entre jovens de diferentes grupos sociais semelhantes explicações para o consumo de drogas, sempre associadas ao âmbito individual do jovem: problemas familiares, fuga da realidade, facilitação na socialibilidade e melhora da performance, por curiosidade ou por influência dos amigos (Lachtim, Soares, 2011).

Embora não associe diretamente padrões de consumo de substâncias psicoativas a pertencimento de classes sociais, Morán Sánchez e Ferriani (2004) mostraram que pais e professores de jovens estudantes equatorianos avaliaram que o principal problema que os jovens estão expostos e que podem acarretar o consumo de drogas é a desproteção familiar, desencadeada pela situação socioeconômica do país que ao mesmo tempo em que estimula o consumismo, desencadeia altos índices de desemprego e de violência. A busca por trabalho atravessa fronteiras de municípios e de estados e a migração de parte da família separa o casal e causa desproteção aos jovens.

A partir da apresentação de resultados de estudos de diversas áreas do conhecimento verificou-se que, embora o consumo de álcool seja aceito socialmente e não identificado como droga, é muito mais consumido do que as demais drogas, lícitas ou ilícitas, e que seu consumo vem crescendo entre os jovens e a idade de início do consumo vem diminuindo. Também se constatou que há diferentes padrões de consumo por sujeitos de diferentes classes sociais.

Este estudo tomou a compreensão de que juventude e consumo de drogas são conceitos socialmente construídos e não universais, conforme apresentados nas considerações teóricas a seguir.

A large, light gray decorative swirl or floral motif is positioned on the right side of the page, extending from the top right towards the bottom right. It features elegant curves, loops, and small leaf-like details.

2 Considerações teóricas

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

2.1 JUVENTUDE: UM CONCEITO SÓCIO-HISTÓRICO

A distinção entre as diversas fases da vida é historicamente feita em diferentes formações sociais e dentre elas a etapa da juventude, que tem diversas significações, mas sempre definidas segundo parâmetros predominantemente sociais (Corti, Souza, 2005).

Como descrevem Corti, Souza (2005), na Grécia arcaica a vivência da condição juvenil era reservada à classe dos guerreiros, pertencentes à nobreza. Embora houvesse destaque ao condicionamento físico, o determinante para estar na condição juvenil era ser nobre.

Já na Roma antiga, continuam Corti, Souza (2005), a classificação seguia diferentes critérios para homens e mulheres. A juventude para os homens era definida segundo a faixa etária (adolescência dos 15 aos 30 e juventude dos 30 aos 45 anos) e para as mulheres segundo os papéis sociais (virgem, esposa ou mãe), definidos pela relação que estabeleciam com o poder do homem (pai, irmão e marido) e não pela faixa etária.

Nas sociedades medievais a classificação era feita por faixas etárias, na cultura erudita e clerical (*infantia* até os 7 anos; *pueritia* dos 7 aos 14; *adulescentia* de 14 a 21 ou 28; *juventus* de 21 ou 28 a 35 anos; *virilitas* de 35 a 55; *senectus*, acima de 55 anos), mas entre os camponeses, à semelhança das mulheres da Roma antiga, o critério eram as funções sociais (recém nascido, crianças, jovens, recém-casados, pais e mães de família, viúvos e viúvas, velhos e falecidos).

Dessa forma, é possível verificar que a distinção da juventude das demais fases da vida, historicamente, não teve a preponderância das características biológicas, nem etárias.

As fases da vida da forma como as conhecemos atualmente, infância, juventude, vida adulta e velhice, foram definidas a partir dos Estados Modernos, quando a qualidade de vida da população passou a ser medida pela produção de riquezas, concomitante ao desenvolvimento do capitalismo, sendo que a infância e a adolescência passaram a ser compreendidas como fontes de produtividade do futuro socioeconômico das

nações (Birman, 2007) e a juventude passou a ser tributária da moratória social, ou seja, passou a ser tomada como período de investimento social para a formação do futuro adulto ajustado socialmente, não desviante (Margulis, 2001), que contribua para a produção de riquezas.

Contemporaneamente há diferentes concepções de juventude, definidas pelos diferentes paradigmas científicos.

Do ponto de vista biológico juventude compreende o período que se inicia na puberdade, a etapa da adolescência, e se estende até o completo desenvolvimento do potencial reprodutivo do corpo e da capacidade intelectual segundo o tipo científico e lógico (León, 2009).

Essa é a base da concepção adotada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que define pelos limites etários a juventude como a etapa da vida entre 15 e 24 anos e a adolescência entre 10 a 19 anos¹.

No entanto, essa definição também incorporou a perspectiva funcionalista, que concebe a juventude como período de passagem linear entre a infância e a vida adulta.

Para Margulis (2001), foi Eric Erikson quem primeiro incorporou os saberes da sociologia funcionalista na psicologia, introduzindo essa visão de juventude como período de preparo e transição, que ainda é hegemônica nos discursos das ciências sociais e médicas.

Consequência dessa compreensão, Erickson (1987) definiu essa fase da vida para além da faixa etária, como período de ocorrência de crises ocasionadas por inseguranças e indefinições, por estar formando sua identidade e por deparar-se com múltiplas possibilidades de escolha. Considera que esse é, portanto, um período conturbado da vida.

Essa transição, para ser funcional, deve transcorrer em fases sucessivas e organizadas de socialização que gradualmente agregam ao jovem os papéis do mundo adulto: inclusão no mercado de trabalho, saída da casa dos pais, manutenção da própria casa, dar origem à própria família, casando-se e tendo filhos (Aquino, 2009).

¹ PAHO - Pan American Health Organization 48º Conselho Diretor – 60ª Sessão do Comitê Regional. Washington, D.C., EUA, 29 de setembro a 3 de outubro de 2008 (<http://www.paho.org/portuguese/gov/cd/CD48-02-p.pdf>)

Nessa concepção funcionalista a juventude não tem importância em si mesma, ser jovem significa incorporar os parâmetros determinados pelo mundo adulto, oportunizado pelo investimento social que tem em vista transformá-lo num adulto ajustado socialmente, não desviante (Margulis, 2001).

Para Corti, Souza (2005) a modernidade solidificou a moratória social como idéia principal da concepção de juventude.

Para Margulis, Urresti (1996) a moratória social tem aspectos complementares, a *moratória vital* e o *tempo livre*.

Moratória vital é o *período da vida em que se está de posse de excedente temporal*. Juventude é o tempo da esperança, daí advém a sensação de que a morte está longe e atinge os outros. A moratória vital é característica dos jovens independente do grupo social, mas sobre essa moratória serão caracterizadas as diferentes formas de vivenciar a juventude de jovens dos diferentes grupos sociais (Margulis, Urresti, 1996, p. 5).

Há também outro âmbito da moratória social, o *tempo livre*, vivido diferentemente por jovens das dos diferentes grupos sociais. Para jovens com maior moratória social é um tempo para lazer, diversão. Para jovens que não conseguiram inserir-se no mercado de trabalho, ou os desempregados, este tempo *não é o tempo leve das classes médias e altas, está carregado de culpabilidade e impotência* (Margulis, Urresti, 1996, p. 3).

No entanto, ao se considerar a moratória social como fenômeno universal, desconsiderando-se que a extensão do tempo de preparo garantido socialmente é diretamente proporcional às condições socioeconômicas dos jovens, atribui-se ao jovem a responsabilidade por cumprir os desígnios funcionalistas da transição para o mundo adulto e se não cumprir será culpabilizado e considerado desajustado, desestruturado.

Porém, além dessa tendência de classificar a juventude como conjunto social formado por indivíduos de uma mesma fase da vida, prevalecendo aspectos de uma geração definida por faixa etária, a sociologia, tem se dividido entre outra tendência, a que considera a inserção dos jovens nas diferentes classes sociais, compreendendo que a juventude

é constituída de trajetórias diferentes conforme as diferentes classes sociais em que os jovens estão inseridos (Pais, 1990).

O autor defende a necessidade da opção pela segunda tendência, afirmando que se torna indispensável relacionar não somente a realidade das similaridades entre os jovens, mas também as diferenças sociais existentes entre eles, inclusive as ideológicas, diferenças essas determinadas pela inserção dos jovens nas diferentes classes sociais (Pais, 1990).

Assim, embora a juventude seja uma fase da vida compartilhada pelos jovens, não é idêntica para todos os sujeitos, pois as diferentes inserções sociais são expressas em diferentes realidades sócio-econômicas das famílias, que determinarão as diversas experiências adquiridas. Dessa forma, há desiguais vivências de juventude (Pais, 1990; Corti, Souza, 2005; Aquino, 2009; Soares, 2009).

Na perspectiva da Saúde Coletiva a concepção de juventude se constituiu como categoria social. Soares (2009) evidencia que sob tal perspectiva não existe juventude e sim juventudes, pois os jovens ocupam distintos lugares nas relações sociais, coerentes às diferentes possibilidades de inserção nas formas de trabalhar, que lhes dá diferentes possibilidades de condições de vida.

2.2 O CONSUMO DE DROGAS NA CONTEMPORANEIDADE

O consumo de drogas, assim como o conceito de juventude, tem sido definido por várias áreas do conhecimento.

A área da saúde conceitua consumo de drogas principalmente sob dois enfoques, por um lado o do consumidor, no âmbito individual, como o portador de problemas mentais e comportamentais relacionados ao consumo, que desencadeia a dependência, abordados pela psiquiatria e psicologia, e por outro o enfoque nas propriedades farmacológicas da substância, que alteram a psicoatividade do consumidor, através de ações nos neurotransmissores (Soares, Campos, 2009).

A Saúde Coletiva conceitua o consumo de drogas pelo contexto social em que o indivíduo está inserido, procurando compreender em que condições ocorre o envolvimento dos indivíduos das diversas classes ou grupos sociais com essas substâncias, tanto na produção, como no consumo ou na distribuição (Soares, Campos, 2009).

A utilização das substâncias psicoativas tem vários significados, se considerarmos esse processo ao longo da história e nas diferentes formações sociais. Sua utilização foi descrita no contexto de comemorações, de rituais religiosos e espirituais, para fins terapêuticos, lúdicos, e também utilizada abusivamente, desencadeando intoxicações agudas e crônicas (Escohotado, 1989).

Com o desenvolvimento do capitalismo como forma da sociedade se reproduzir, o consumo de drogas foi incorporando a finalidade primordial desse modo de produção – o lucro, e a droga foi adquirindo a característica de mercadoria (Soares, Campos, 2009).

Até mesmo nas instâncias governamentais essa lógica foi incorporada, na medida em que drogas lícitas – como o álcool e o cigarro – passaram a ter sua produção e venda tributados – pelos impostos – transformando-se assim em fonte de renda (Ott, 1993).

Embora as desigualdades sociais imprimam diferenças entre os jovens, resultando diferentes trajetórias e produzindo diferentes juventudes, há a disseminação de valores, como os associados ao ideal de beleza e de prazer como finalidade da vida, especialmente pelo âmbito publicitário, que se oferecem como modelos de identificação para jovens de todas as classes sociais. Ainda que a possibilidade de acesso ao consumo não seja igual (Kehl, 2004), produz uma pretensa idéia de similaridade entre certas características dos jovens e de homogeneidade da categoria juventude.

Assim, a cultura da sensualidade adolescente, da busca de prazeres e novas “sensações”, do desfrute do corpo, da liberdade, inclui todos os adolescentes. Do filhinho-de-papai ao morador de rua, do jovem sub empregado que vive na favela ao estudante universitário do Morumbi (ou do Leblon), do traficante à patricinha, todos os adolescentes se identificam com o ideal publicitário do adolescente hedonista, belo, livre, sensual (Kehl, 2004, p. 3).

Desse modo, a transição da infância para a vida adulta na contemporaneidade pode ser evidenciada pela busca do prazer a todo custo. O consumo de drogas - tanto lícitas, como o álcool, quanto ilícitas, especialmente a maconha – podem servir muito bem a esse propósito, numa fase da vida encarada pelos jovens como um novo desafio para a busca de espaços nessa nova fase da vida (Kehl, 2004).

Assim, a droga na contemporaneidade tem grande potencial para responder a desgastes a que os jovens estão expostos, por ter ao mesmo tempo a característica de mercadoria, com valor de troca altamente lucrativo, e de ter potência para oferecer prazer rápido, valor de uso bastante apreciado (Soares, Campos, 2009).

Compreende-se, então, que por um lado o envolvimento de jovens com substâncias psicoativas – no tráfico ou no consumo – pode estar relacionado à dificuldade de inserção no mercado de trabalho ou à impossibilidade de inserir-se em atividade que lhe permita o acesso ao consumo de bens não restritos aos que garantem apenas a sobrevivência. Por outro lado, o uso de drogas pode associar-se à incerteza de projeção do futuro e como resposta aos valores contemporâneos centrados no individualismo, no culto do hedonismo e no consumo, que produzem angústias e mal estares, uma vez que a possibilidade de se alcançar o sucesso vem sendo atribuída ao esforço individual (Soares, Campos, 2009).

Com essa compreensão teórica, fica evidente que o envolvimento com substâncias psicoativas, lícitas ou ilícitas, não é o mesmo entre os jovens, pois as diferenças das classes ou grupos sociais influenciam no tipo e no modo de envolvimento e de consumo; os jovens pertencentes aos grupos sociais com maior acessibilidade a bens envolvem-se menos em situações mais arriscadas de tráfico, geralmente consomem drogas mais caras, de melhor qualidade e em situações mais protegidas (Soares, Campos, 2009).

Partindo-se de resultados de outros estudos que evidenciaram que o consumo de bebidas alcoólicas vem aumentando entre jovens das distintas classes ou grupos sociais e pressupondo-se, a partir do marco teórico que

fundamenta este estudo, que o consumo tem diferentes características nos diferentes grupos sociais pergunta-se:

Que características diferenciam o consumo de álcool entre jovens de diferentes grupos sociais?

A large, light gray decorative swirl or floral motif is positioned on the right side of the page, extending from the top right towards the bottom right. It features elegant curves, loops, and small leaf-like details.

3 Objetivos

3 OBJETIVOS

Objetivo geral: compreender as características do consumo de álcool entre jovens de diferentes grupos sociais.

Objetivos específicos:

- Identificar e analisar similaridades e diferenças nas concepções de juventude entre jovens de diferentes grupos sociais.
- Identificar e analisar similaridades e diferenças nas características do consumo de bebidas alcoólicas entre jovens dos diferentes grupos sociais.

Com a finalidade de apoiar projetos de educação em saúde voltados a jovens, como expressão de política pública tomada como direito.

A large, light gray decorative swirl or floral motif that curves from the top right towards the bottom left, framing the text. It features elegant curves, loops, and small leaf-like details.

4 Procedimientos metodológicos

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Compreende-se que o processo da pesquisa social tem como objetivo responder problemas da realidade social, entendida como aquela que envolve as relações humanas, tanto com outros seres humanos quanto com as instituições sociais (Gil, 1991).

Para esse tipo de pesquisa, o método qualitativo é o mais apropriado, uma vez que se propõe a explicar os mecanismos das relações sociais, tomadas como resultado de atividades humanas atinentes à afetividade, racionalidade e criatividade (Minayo, 1994).

Dessa forma, coerentemente com as características do objeto deste estudo, esta pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, de caráter analítico-descritiva.

4.1 CAMPO DE ESTUDO

O campo de estudo foi constituído por instituições de ensino, por congregar um grande número de jovens; e uma instituição de assistência social, para contemplar jovens não inseridos no ensino formal, assegurando a inclusão de sujeitos de diferentes grupos sociais.

Assim, para contemplar jovens com menos acesso a bens materiais, imateriais e de cidadania, foram escolhidas duas instituições municipais públicas: uma de ensino de cursos profissionalizantes, gratuitos, e para contemplar jovens não inseridos em instituições de ensino foi selecionado o Centro Especializado de Assistência Social, que acolhe pessoas em situação de rua durante o dia e os encaminha para albergue à noite, ambas no município de Santo André.

Foram também eleitas três instituições de ensino superior, duas no município de São Paulo e uma no de Santo André, todas de caráter privado. Os cursos de graduação foram selecionados a partir do valor da mensalidade. A mais barata foi a do curso noturno de Licenciatura em

História, a intermediária foi de um curso matutino de Arquitetura e Urbanismo e a mais cara foi a de um curso de Medicina, em período integral.

4.2 COLETA DE DADOS

4.2.1 Sujeitos da Pesquisa

Após apresentação do projeto de pesquisa nas instituições escolhidas, foram formados grupos com os jovens que aceitaram o convite e se voluntariaram a participar.

O grupo 1 (G1) foi formado por 8 jovens do projeto de Assistência Social.

O grupo 2 (G2) foi constituído por 10 estudantes de cursos profissionalizantes gratuitos do período noturno.

O grupo 3 (G3) contou com 12 estudantes de licenciatura em História.

O grupo 4 (G4) foi composto por 24 alunos de um curso matutino de Arquitetura e Urbanismo.

O grupo 5 (G5) foi formado por 20 estudantes de um curso de medicina, em período integral.

Os grupos, portanto, foram numerados em ordem crescente, variando de 1 a 5, sendo G1 o grupo de jovens com menos acesso a bens e cidadania e o G5 o dos jovens com mais acesso a bens e cidadania.

Foi também realizado um segundo grupo focal com jovens não inseridos no ensino formal, incluídos no Programa “Geração de Trabalho de Interesse Social” da Prefeitura de Santo André. No entanto, este grupo foi excluído da análise, pois a dinâmica do grupo foi inviabilizada pelas condições do local autorizado para a realização do grupo. O grupo foi realizado num espaço improvisado num “escritório” localizado num canteiro de obras, espaço que tinha a presença de outros trabalhadores que não participavam do grupo, inibindo a participação dos jovens. Vários participantes foram retirados do grupo para voltar ao trabalho, atrapalhando a dinâmica do grupo e além de tudo, o grupo aconteceu entre ruídos

constantes que prejudicaram muito a qualidade da gravação, inviabilizando a transcrição das falas.

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos do estudo segundo sexo, inserção no mercado de trabalho, Qualificação da ocupação, Escolaridade, Gastos com formação escolar. São Paulo, 2012

SEXO	G1	G2	G3	G4	G5
	Masculino 100%	Masculino 100%	Masculino 80%	Feminino 73%	Feminino 53%
Inserção no mercado de trabalho	25% trabalhavam	100% trabalhavam	90% trabalhavam	71% eram estagiários de arquitetura, remunerados	Não trabalhavam
Qualificação da ocupação	Ocupação semi-qualificada e ocupação não qualificada	Ocupações semi-qualificadas	Ocupação semi-qualificada e ocupações não qualificadas	Ocupação qualificada	Não trabalhavam, nem eram estagiários
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto e ensino fundamental completo	Ensino médio completo	Ensino médio completo (ensino superior em curso)	Ensino médio completo (ensino superior em curso)	Ensino médio completo (ensino superior em curso)
Gastos com formação escolar	Nenhum (oficinas ou cursos oferecidos pela instituição)	Nenhum (cursos gratuitos oferecidos pela prefeitura)	Curso custeado pelos próprios sujeitos, que trabalham ou recebem bolsa de estudos	Nenhum (curso custeado pela família)	Nenhum (curso custeado pela família)

4.2.2 Instrumento da Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada por meio da participação dos voluntários em grupo focal.

O grupo focal é uma técnica da pesquisa qualitativa, o qual pode ser utilizado para o entendimento de diversas percepções sobre um mesmo assunto. Pode ser considerado como uma entrevista em grupo, porém não é um procedimento de perguntas e respostas, e sim de proposição de tópicos

específicos pelo moderador, os quais direcionam a discussão dos participantes (Carlini-Cotrim, 1996; Lervolino, Pelicioni, 2001).

Nessa técnica, o grupo é composto entre seis e dez membros, que são recrutados conforme a determinação das características dos participantes na pesquisa. O local da realização do grupo focal deve ser um ambiente calmo, onde não tenha interrupções visuais, por pessoas ou ruídos, e tem duração média de uma hora e meia. Além dos participantes, é constituído pelo moderador, o qual conduz o grupo pelos tópicos presentes no roteiro e que não deixa a discussão se afastar da temática proposta, e pelo observador, que auxilia na observação não verbal, e o relator que anota os eventos que expressem maior importância a pesquisa (Lervolino, Pelicioni, 2001).

Os dados obtidos no grupo focal são as percepções dos participantes, que em alguns momentos apóiam-se na percepção dos outros envolvidos, obtendo uma visão diferente da que tinha inicialmente ou afirmando sua opinião, expressando e opinando sobre os tópicos em questão (Carlini-Cotrim, 1996; Lervolino, Pelicioni, 2001).

Neste estudo os grupos foram guiados por roteiro (APÊNDICE I) para nortear as discussões. Esse roteiro versou sobre a vivência da juventude e as motivações para o consumo de álcool pelos jovens e foram gravados em áudio, após autorização dos participantes.

Após a realização dos grupos, toda a discussão foi transcrita e analisada segundo o método da análise de conteúdo, nos moldes de análise temática.

A análise de conteúdo é uma técnica que pretende detectar o conteúdo das mensagens e as condições de produção/recepção das mesmas, quando se procede à análise de mensagens (Bardin, 2009).

A análise de conteúdo foi desenvolvida pelo método da análise temática, que consiste em ter percepção sobre os temas apresentados, e observar o valor evidenciado em cada tema (Minayo, 1994), que foi analisado segundo o referencial teórico que serve de guia para a leitura (Bardin, 2009).

4.2.3 Aspectos éticos

O projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP (ANEXO I).

Os sujeitos foram convidados a participar do estudo e só participaram os que se voluntariaram. A coleta de dados ocorreu após esclarecimento aos responsáveis das instituições e com a autorização dos mesmos. Os participantes foram orientados quanto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE II) elaborado de acordo com as normas da resolução 196/96 (Conselho Nacional de Saúde, 1996) e convidados a assinar o TCLE em duas vias, uma delas ficou com o participante e outra com o pesquisador.

A large, light gray decorative swirl or floral motif is positioned on the right side of the page, extending from the top right towards the bottom right. It features elegant curves, loops, and small leaf-like details.

5 Apresentação dos resultados e análise

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE

Após a análise dos dados conformaram-se dois temas, um relacionado à concepção de juventude e outro ao consumo de álcool pelos jovens.

5.1 CONCEPÇÃO DE JUVENTUDE

Da fase do prazer absoluto à ausência desse período da vida: como os jovens interpretam a juventude.

Em todos os grupos sociais juventude foi identificada como fase de transição para a vida adulta, porém foi definida diferentemente pelos jovens dos diferentes grupos.

A concepção de juventude como construção histórica foi verbalizada por apenas um dos jovens do estudo, conforme depoimento abaixo.

G4a - *Isso tudo que você tá fazendo ainda (...), é fácil de ver na época dos avôs porque lá não existia adolescência. É um conceito mais novo, o pessoal era criança, depois casava e virava adulto né? Adolescência foi inventada ao longo do tempo, na verdade, que é esse mundo que a gente vive na casa dos pais, não tem dinheiro pra sair, porque é tudo muito caro, e vai fazendo faculdade, antigamente pulava isso, não tinha.*

A idéia de que o jovem não tem personalidade formada, está em busca da identidade, e por isso é influenciável foi expressa por jovens dos grupos 1, 3 e 4.

G4b - *Mas quando você é menor, tipo... o grupo, você é meio parecido com o seu grupo, talvez nem é a influência, você que, é o que te leva pro grupo, depois é que você cria uma personalidade, mas quando você é novo você não tem uma personalidade fixa.*

G3a - *Eu acho que o jovem, não importa a região, ele vai muito influenciado pelas pessoas, porque ele vê uma pessoa ele já se espelha e quer ser como ela, e com isso ele já vai lá, querendo ou não, é um estereótipo, é um espelho (...).*

G1a - *Na minha juventude, eu, foi muito complicado pra mim porque... amizade de colegas, influência de amigos, há momentos na vida do adolescente que a influência, ela é muito grande, na escola, nas amizades, no namoro (...).*

Observou-se que entre jovens dos grupos 4 e 5 a concepção de juventude foi identificada como etapa transitória, de preparo para a vida adulta, financiada pela família até tornaram-se autônomos financeiramente.

Verbalizaram a compreensão de que na vida as responsabilidades aumentam gradativa e linearmente à medida que progride o nível de escolaridade, portanto, encontram-se numa fase intermediária de responsabilidade, numa clara identificação com a definição de moratória social.

G5a - (...) *vim sem a minha família então, tipo, você ter que se virar sozinho e, tipo, numa cidade do interior é tudo muito mais fácil né? então estar em São Paulo você tem que aprender tudo por necessidade e assim, a responsabilidade que você tem que adquirir acaba pesando um pouco, coisa que eu senti isso assim, o peso da responsabilidade quando eu vim morar sozinho (...).*

G4c – *As responsabilidades vão aumentando, você começa com uma faculdade, você tem que estudar um pouco mais do que na escola, aí de repente você começa um estágio, e já é uma responsabilidade a mais, depois você trabalha, você já é efetivado (...), e aí [o] tempo pra gente gastar com coisas, (...) de lazer, de qualquer coisa, vai reduzindo porque as responsabilidades vão aumentando (...).*

Ainda com essa concepção de fase transitória linear, jovens do grupo 4 também identificaram essa fase com o período em que se deve viver intensamente (conforme o depoimento G4c), ultrapassar limites; é o momento de “chutar o balde”, como descreve o depoimento G4d e G4e, período da vida em que os exageros são permitidos, tratados como experimentação. Vale salientar que nesse grupo observou-se que a juventude é associada com prazer, que praticamente se esgota nessa fase para dar lugar à vida adulta, idealizada como período estável e marcado por responsabilidades de cumprimento de regras sociais.

G4c - (...) eu acho que tem que aproveitar tudo, você tem que se divertir, você tem que namorar, você tem que ter amigos, você tem que se relacionar, porque se você não se relaciona nessa fase, quando você for velho você vai ser uma pessoa triste, uma pessoa sozinha, solitária, você tem que fazer agora sua convivência, seu meio. Eu acho que isso vai formar você também quando você for mais responsável, mais velho, com seus 40, 50 anos. Afinal quantos idosos não que tem por aí que são sozinhos.

G4d - Eu acho que é a responsabilidade que você tem, deixa eu ver, conforme você vai amadurecendo as responsabilidades vão aumentando, quando você é jovem você não tem responsabilidades, você não é responsável por outra vida, quem nem o pai da gente, a mãe da gente, você não é responsável, porque você não tem um emprego, não tem ninguém te cobrando, então eu acho que tem essa coisa da liberdade de sair com os amigos e chutar o balde, acho mais ou menos por aí.

G4e - Eu acho que você tem que chutar o balde enquanto você é novo. Porque quando você ficar velho, a turma não vai sair pra balada com 50 anos né, velho. Com 50 anos você não toma vodka com energético (...) Eu não vou esperar ficar velho pra falar "não, agora eu vou começar a beber, a sair" (...). Por exemplo, o cara fica mais velho, ele começa a encher o saco (...), [a] ressaca dele dura 3 dias, (...) o meu primo, ele tem 30 anos, ele não é velho, só que o cara bebe na sexta fica até no domingo dormindo, eu acordo de ressaca, o cara não, o cara só dorme meu. Então, eu não vou esperar ficar velho pra falar: agora eu vou começar a beber, a sair. Meu pai (...) ele vai para os passeios dele, ele vai almoçar, jantar fora, no teatro, sexta passada, (...) ele foi num barzinho, um milagre (...), foi porque tinha despedida do amigo dele (...). Acho que ele tá certo, tá na dele, ele não tem a minha idade, né? mas acho que eu como jovem tenho a obrigação de sair.

G4d - Acho que tem idade pra tudo. Eu acho que tudo tem que ser vivido naquela faixa etária, porque se você deixar aquilo meio tardio, depois você vai viver numa fase que não tem sentido mais (...).

Embora jovens de grupos 1, 2 e 3 tenham verbalizado, como os jovens dos grupos 4 e 5, a concepção de juventude como etapa transitória, nesses grupos ela não é vivenciada como processo gradativo e linear de aumento de responsabilidades e preparo para a vida adulta. Em outras palavras, a moratória social é bem mais curta, nesses grupos é comum os jovens trabalharem antes mesmo do término do nível médio, para auxiliarem

ou até mesmo manterem financeiramente a família. Por isso verbalizaram não terem vivido a juventude, como se tivessem pulado da infância diretamente para a vida adulta porque não puderam aproveitar a vida, “o sabor da vida”, não estudaram, como verbalizado nos depoimentos seguintes.

G2a - *Comecei trabalhar também com dez, doze anos, também era feirante, meu pai era feirante.*

G2b - *Comecei com quatorze anos comecei a trabalhar, um pouco menos até, treze.*

G2c - *Com quinze eu trabalhava numa ótica, fiz um curso de montador ótico, não me adaptei a essas coisas, com dezessete fui pro Detran, entendeu!? Fiquei um ano no Detran e dos dezoito aos trinta e quatro trabalho com obra.*

G3b - *Fase jovem é uma coisa complicada né. Porque a gente fala assim, jovem pega aí, dezesseis, dezessete anos até uns vinte e dois, vinte e três mais ou menos, eu acho que essa fase..., você tá começando a entrar nessa, nesse ramo, você não tem experiência, já é uma coisa complicada. Quando você chega nos seus dezessete anos, você tem a fase militar, você não consegue emprego em lugar nenhum, porque você tem um, que cumprir determinadas regras, nenhuma empresa pega um cara que, tá em fase militar. Passou a fase militar você não consegue emprego porque você não tem experiência, aí você tem que fazer aqueles sacrifícios que todo mundo faz, o primeiro emprego é,..., é um “Mac Donald’s”, é um..., é uma “Atento”, que agora o grupo cresceu muito nessa área de telemarketing, você vê que é muita molecada né, você pega lá, é, motoboy, que as vezes não tem escolha, vai virar isso mesmo (...).*

G1b - *[ser jovem] é péssimo, você não se sente confortável né? eu não me sinto feliz., (...) eu não me sinto jovem na situação que eu tô, porque não consegue um emprego, não consegue sentir o sabor da vida direito. Ter uma vida adequada pra você poder prosseguir, ser livre, se divertir.*

G1c – *Eu acho que não é porque é péssimo, porque a gente nasce assim mais cedo, e já de cedo de alguma cidade aí tem que ter meio é pra trabalhar, tem que ajudar mesmo a família, tem que ajudar todo mundo, sempre na tranquilidade a gente tem que trabalhar! A gente devia é estudar...primeiro, e ter alguma coisa tranquilo...*

G1d - *Então se eu for falar da minha vida juventude, eu nunca tive juventude, entendeu!? Minha juventude foi péssima! Eu nunca tive uma mãe pra me dar carinho,*

entendeu!? Meu pai me largou quando eu tinha 14, 13 anos de idade, entendeu!? Então eu tive o quê? Tive que correr atrás pra lutar, pra conseguir ajudar a minha irmã a sobreviver, a gente pagava aluguel, se não a gente ia perde a casa. Tá entendendo o que eu tô falando pra você? Então se eu for falar da minha juventude, eu nunca tive uma juventude e até hoje eu não tenho, entendeu!? Porque se eu for falar pra você que eu brinquei de bola tô mentindo, eu que não arranjei um emprego, eu que não vou correr atrás pra eu conseguir um prato de comida pra eu comer não, se não eu passo fome.

A partir dos depoimentos acima é possível afirmar que à medida que se caminha dos grupos G4 e G5 para G2 e G3 é encurtado o tempo de preparo para a vida adulta, compreendida como etapa de estabilidade. Já as responsabilidades pela manutenção da base material da vida vão aumentando, e a busca por inserção no mercado de trabalho independe do nível de preparo do jovem. Consequência disso os jovens dos grupos 1, 2 e 3 não manifestaram a percepção de transição da infância para a juventude, verbalizaram que a infância é interrompida bruscamente por responsabilidades da vida adulta.

Os jovens dos grupos 4 e 5 também verbalizaram a tendência de encurtamento da infância, porém para antecipar a juventude, etapa da vida desejada, conforme descrevem os excertos abaixo.

G4f - (...) lá em Alphaville eu acho que a idade é sinônimo de irresponsabilidade. Ah primeiro que, lá o pessoal é, liga muito pra dinheiro né, quase todo mundo que é de lá é muito consumista, é então, o pessoal acaba de tirar carta e já ganha um carrão, tá sempre assim gastando.

G4g - As pessoas mais novas que a gente, acho que o jovem tá evoluindo muito mais que antigamente, observando assim por primos mais novos e tal, antes a gente brincava muito de boneca, sabe, era coisa mais inocentes do que hoje em dia, os jovens amadurecem muito mais cedo, antes ficar jovem era nossa quero ter dezoito anos, não é não? Era o que a gente queria assim, hoje as pessoas com dez, doze anos já estão grávidas, bebendo, indo pra balada, chegando de madrugada, então acho que já tem uma diferença boa.

G4h - É que tem meninas de dez anos que, meu!, você fala a menina tem vinte, o jeito de se vestir, o jeito de falar, o jeito de se relacionar com os meninos tudo. Nossa! com

quatorze anos eu brincava de boneca, nem pensava namorar, (...) nem sabia o que era isso, e hoje em dia as meninas, nossa!, quer balada, (...) eu vou na balada e chega assim umas meninas que (...) você vê a menina tem treze anos, meu!, cadê os pais dessa menina?, (...) a menina tá dando PT lá, (...) seis horas da manhã, seis horas da manhã a menina tá lá..., e eu falo assim, meu!, os pais não se preocupam, sei lá.

A percepção da passagem para a juventude: onde começa?

Verificou-se que em todos os grupos jovens afirmaram que o período da infância tem sido interrompido precocemente.

Porém, entre jovens dos grupos 4 e 5 pareciam comentários de senso comum, não houve relatos da realidade deles, como mostra o depoimento G4h. No entanto, entre os jovens dos grupos 1, 2 e 3 foi relatado que esse período foi interrompido pela necessidade de trabalhar, experiência vivida entre esses jovens, como relatado por G1d.

G4h – *É que tem meninas de dez anos que, meu!, você fala a menina tem vinte, o jeito de se vestir, o jeito de falar, o jeito de se relacionar com os meninos tudo. Nossa! com quatorze anos eu brincava de boneca, nem pensava namorar, (...) nem sabia o que era isso, e hoje em dia as meninas, nossa!, quer balada, (...) eu vou na balada e chega assim umas meninas que (...) você vê a menina tem treze anos, meu!, cadê os pais dessa menina?, (...) a menina tá dando PT lá, (...) seis horas da manhã, seis horas da manhã a menina tá lá ..., e eu falo assim, meu!, os pais não se preocupam, sei lá.*

G1d - *Nem todo mundo tem oportunidade. Se eu falar da minha vida aqui, as oportunidade, na minha juventude (...) eu não tive oportunidade, com quatorze anos eu tive que ajudá minha irmã a sustentar meu sobrinho, porque meu pai me abandonou, entendeu!?*

Os relatos que refletiram experiências concretas de jovens dos grupos 4 e 5, identificadas com a passagem para a juventude foi a possibilidade de saírem com amigos e a autonomia para se locomoverem nos espaços públicos sem a tutela dos pais, conforme exemplificam os excertos abaixo.

G5b - Ah, pra mim é muito marcante a época que eu comecei a sair sozinha, com os meus amigos, não sei, acho que isso separa bem, minha fase de criança da minha adolescência. A primeira vez que eu fui num shopping sozinha, sem nenhum adulto por perto eu tinha doze anos.(...) mas de fazer viagem assim, e, por exemplo, de fazer coisas mais pesada, ah sei lá, de ir pra balada e tal acho que uns quatorze, quinze anos.

G5c - Acho que, como a (Fulana) falou, de começar a sair sozinha mas acho que pra mim também foi a independência no transporte, de começar a pegar ônibus, acho que pra mim foi um ponto.

G5d - Acho que pra mim também, até acho que um marco bem grande é (...) quando eu entrei no ensino médio, foi quando eu comecei a estudar em São Paulo, e aí eu tinha que pegar ônibus, metrô sozinha, e vinha com a minha irmã mais nova, então acho que foi uma época bem: - agora se vira aí! É, acho que foi isso.

Diferentemente, jovens do grupo 2 relataram o trânsito em espaços públicos sem a tutela de adultos mais precocemente.

G2c - Olha não era que nem hoje, antigamente a gente fazia bailinho... curtia "street bike", ia pras pistas andar de bicicleta, sumia de casa. Eu morava em Santo André, ia pra São Bernardo, São Paulo pedalar, virava a noite andando de bicicleta por aí, não tinha tanto perigo, tanta maldade, hoje....

Após atingirem independência para se locomoverem sem a tutela direta dos pais, os jovens dos grupos 4 e 5 referiram que passaram a frequentar espaços de sociabilidade em diversos pontos da cidade, espaços frequentados por outros jovens de grupo social semelhante, como descritos abaixo.

G4e - Saio pra beber, conversar...com quem quiser...com os amigos da escola ou meus amigos da faculdade, da sala ou (...) o pessoal da escola é do colegial. Cada um tem um horário né, tem gente que trabalha, tem gente que não trabalha, tem gente que tem que fazer coisa no final de semana, tem trabalho da faculdade pra entregar, ou a namorada, não sei, então quando dá de encontrar dá, fica o tempo que conseguir (...) maioria das vezes na Vila Madalena.

G4 d - *Eu encontro [amigos do colegial], mas não em São Paulo, na minha cidade. Porque já venho todos os dias da semana pra cá, e nos finais de semana (...) eu prefiro ficar na minha cidade. A gente sai mais pra jantar fora, então pra, o objetivo é se encontrá. Restaurante, porque lá tem muito restaurante de rua, (...) tem bar, restaurante. Então a gente procura ir só nesses lugares.*

G4e - *Saio [com o pessoal da faculdade]. Saio com quem quiser sair, saio com meus amigos da minha cidade, aí tem o problema de voltar pra casa, porque você sai, toma umas pingas, aí tem que voltar de carro né? às vezes eu vou dirigindo...às vezes eu vou de táxi, mas táxi é muito caro.(...) Aí eu volto de carro né ? (...) de vez em quando, eu vou na Vila Olímpia, no Itaim, Moema, vou jantar. Se saio pra jantar vou com meus pais. (...) fim de semana saio com meus pais né que, e dia de semana eu saio com os amigos.*

G4i - *Ah eu saio com meus amigos também, do colégio, mais do colégio, da faculdade também, mas mais do colégio porque a gente ainda tem bastante contato, mas é mais de final de semana assim. (...) a gente gosta de ir bastante lá perto da Paulista também, da Consolação, da Bela Cintra alí, tem a Vila Olímpia também, o Itaim, esses lugares mesmo.*

G4f - *Eu gosto bastante de ir ao cinema, quando saio normalmente eu vou lá pra casa dos meus amigos, eu não gosto muito, eu não sou uma pessoa de noite assim, e é ruim porque quando vai, geralmente quando vai se encontrar e vai beber é a (...) inteira e eu não gosto muito, e eu fico só, até um pouco assim, e mas eu também gosto bastante de sair pra jantar, coisa mais tranqüila assim, eu prefiro as vezes ir no cinema e ir num bar do que ir numa balada. (...) tem também daqui, aí tem da escola, normalmente lá em Moema, Brooklin, todo mundo mora por lá, que eu estudava lá, ou então a da minha cidade mesmo, e normalmente a gente vem pra São Paulo, porque eu não fico lá, porque não tem assim, agora talvez tenha mais opções do que fazer, mas mesmo assim eu não sei, porque a gente não tem costume de ficar lá.*

G4j - *Bom eu tenho um grupo de amigos do colegial, a gente sai quase todo final de semana, só que a gente, como é todo mundo de (...) também a gente sempre sai por lá mesmo, é muito difícil vir pra São Paulo fazer alguma coisa, como todo mundo trabalha em São Paulo, fica já cansado... tem muito restaurante, bar, barzinho é raro, o forte lá restaurante. (...) a gente vai pra restaurante, quase todo final de semana. As vezes a gente vai em algum lugar pra conversar, vai na casa de um, porque tem uns amigos que já são casados, já tem a casa deles, e aí a gente.*

No entanto, para os jovens dos grupos 2 e 3 os espaços de sociabilidade continuam restritos aos espaços do bairro onde moram, que contam com poucos recursos em espaços públicos e poucas alternativas para os jovens se encontrarem, como pode ser evidenciado nos depoimentos a seguir.

G3c - Ah, (...) eu não vejo assim muita coisa né? tipo, o máximo que a gente vê é o que? Lá perto de casa mesmo, uma pracinha, aonde você vê alguns, somente alguns velhinhos correndo e os jovens, somente tem uma pista de skate, somente isso. Você vê eles muito ocupados com o que? Com abrir a página da Internet e ter tudo pronto pra eles, uma desmotivação assim, pra uma outra pessoa, (...) e assim, não vejo muita coisa não, se tiver, é bem limitado, o que proporciona é aqui o trabalho de fim de semana, é aqui, a Escola da Família, muitos cursos, aula de instrumento, música, é mais isso.

G3d - Então, falando com relação à atividade, o campo das atividades, em São Paulo realmente tem bastante atividade, porém eu acho assim que, a questão do, de curso essas coisas é muito limitada nas cidades, e, que nem, eu moro em (...) periferia, é, o bairro que eu moro, (...), acho que são (...) cento e sessenta mil pessoas que moram naquela região, são três quadras de esportes que tem numa região com quase cento e sessenta mil pessoas, é mais que uma cidade pequena tem, apenas três quadras de esportes, de escolas, nós temos quatro escolas apenas, então, e durante, as escolas estão abertas para diversão nos finais de semana, durante, e, cento e sessenta mil pessoas, eu pelo que olhei no censo e acho que são oitenta, noventa mil crianças e adolescentes. Durante a semana, essas noventa mil pessoas, adolescentes eles vai pra escola de manhã ou à tarde e passa o resto do dia pra disputar entre três quadras. Então assim, a gente não, eu não vejo nenhum tipo de preocupação com relação a essas crianças, não tem nenhum tipo de lazer, e eu acho isso muito importante, essa questão do lazer, porque, é, [pausa], ensina muito pra você, você ter, ter um lazer, porque assim, não tendo isso, ou as crianças ficam dentro de casa, televisão, Internet, ou elas ficam na rua (...).

Jovens do G2 relataram que além de poucas alternativas para utilização dos espaços públicos, esses são considerados perigosos, conforme mostram os seguintes depoimentos:

G2 b - *É melhor que sair de casa, sai de casa e é só violência...[Antigamente] não era tranquilo mas era disciplinado. Era disciplinado, tem muita coisa que influencia a cabeça (...). Hoje só vê boca de droga.*

G2c - *O único lazer que tem lá é o que eu to te falando, é funk, é baile...o traficante chega lá...se você quiser o traficante já tem dele uma jarra de cinco litro mais ou menos ele despeja dois litros de whisky e uns dois negócios de red Bull, aí molha umas quatro, cinco balas de ecstasy e solta pra moleca beber aí...os caras vai...aí passa sábado, domingo e o cara tá lá “bum bum” e a festa passou e o cara tá lá desse jeito.*

Os jovens dos grupos 1, 2 e 3, por viverem em partes da cidade em que a presença do Estado é precária e o espaço público é identificado como perigoso e violento (como evidencia o depoimento G2 d), verbalizaram que jovens dessas áreas só tem dois caminhos – o bem ou mal – e que a escolha de qual caminho o jovem quer seguir depende única e exclusivamente dele, conforme depoimentos abaixo.

G2d - *(...) a gente não tem segurança, só tem droga em volta, só tem boca de fumo ali, tem isso tem aquilo, não temos segurança! A gente é acaba ficando dentro de casa (...).*

G1a - *Ah eu acho o seguinte, o jovem tem várias oportunidades na vida. Tanto o de seguir o que é bom, como o de seguir o que é ruim, basta da própria pessoa.*

G3e - *Mas é como ele falou, essa questão é os dois caminho. Então o jovem tá ali, ele faz parte do teatro, do grupo de poesia e vai pra balada hoje, bebe, bastante, aí ele, ele escolhe qual o caminho que ele quer, que ele quer seguir, se ele quer que a cultura faz parte da vida dele ou se ele vai ficar bebendo todo dia, se ele vai pro “pagodão”, vai ficar curtindo só a vida ali, vai aumentar o consumo de álcool, o consumo de cigarros, de droga entre outros.*

G3f - *(...) porque São Paulo é um lugar muito perigoso, propício a pessoa, é (...) convencida a atrair facilmente coisas ruins pra ele, então o jovem hoje ele tem que fazer o discernimento do que vai ser válido pra ele ou não, então é muito complicado hoje...com o tanto de informações que o adolescente, o jovem ele tem, ele acaba não conseguindo absorver tudo aquilo de uma forma certa muitas vezes, ele acaba é fazendo uma “disturbação” né, sobre aquilo que ele está vendo que ele tá vivenciando e ele acaba, entrando*

numa trajetória pra vida dele, que as vezes pode complicar, se ele não tiver uma pequena visão assim.

Diferentemente dos grupos 1, 2 e 3, em que os jovens têm apenas duas possibilidades, o bem ou o mal, num dos grupos, o 4, no qual os jovens contam com o apoio dos pais, há uma gama de opções para vivenciar a juventude. Como para eles essa deve ser a fase de viver intensamente, os exageros são previstos e muitas vezes até aceitos socialmente, como afirma o depoimento G4f.

G4f - *[juventude] é uma fase de experiência. Dependendo da coisa que a gente for fazer a gente não é tão julgado quanto se for um adulto fazendo.*

Essa diferença pode ser explicada pelo fato de jovens dos grupos 4 e 5 serem tutelados pelos pais por mais tempo, coerentemente ao período de moratória social, que é também maior nesses grupos. No entanto, esses jovens tem mais possibilidades de acesso tanto aos espaços da cidade quanto externamente a ela, diferentemente dos jovens dos grupos mais periféricos, que o acesso é restrito aos espaços do bairro, com pouco acesso a outros espaços da cidade.

O que vem após a juventude: expectativas e perspectiva de futuro

As expectativas que os jovens dos grupos 1 e 3 tem para si e para os do seu grupo social é a de que a realidade não mudará, as oportunidades não chegam a estes jovens, e eles não tem o direito de sonhar com um futuro melhor, pois tudo que eles vêem e vivem será sempre do mesmo jeito para todos com as mesmas condições de reprodução social.

G3d - (...) *porque a única realidade que ele tem acesso é aquela realidade ali, que não tem nada pra fazer, o pai trabalha o dia todo, a mãe limpa a casa e não tem a possibilidade de sonhar com coisa melhor que aquilo, porque não tem acesso à coisa melhor que aquilo, melhor que aquilo é a televisão e a Internet, que é alguma coisa de ficção, então as dificuldades eu acho que pro jovem, pro adolescente, não é só a real mesmo, ah não tem trabalho,*

não tem oportunidade não, não tem nem o direito de sonhar com uma vida melhor, assim, se tiver trabalho, vai ser pra ganhar um salário mínimo, se tiver faculdade, vai conseguir passar numa faculdade ruim, que vai conseguir passar, o problema é não conseguir pagar uma faculdade que custa cento e cinquenta reais por mês, e as faculdades, desculpa, não tem como a faculdade ser boa, assim trezentos reais de mensalidade? Impossível, não dá, então ele, a chance dele conseguir entrar é num emprego é ruim ou numa faculdade ruim, então pra mim a maior dificuldade é essa, não é que você não tem oportunidade, você não tem o direito de sonhar com mais que aquilo, esse é o pior.

G1d - *Ele diz que todo mundo tem a oportunidade, mas nem todos tem a oportunidade aí como já vi em muitas coisas, muitas situações aí, principalmente os meninos da favela aí, entendeu!? A única oportunidade que eles têm ali é o que? De seguir o caminho que eles estão vendo na frente deles, o que eles tão vendo ali na frente deles? Tráfico, violência, droga, corrupção, assalto, então tudo aquilo que veem influenciando eles, é lógico que vão chegar a um ponto que um dia alguém já passou por isso...*

G1e – *Ah, lá pelo menos pra mim, não tem nada. Pros jovens é que nem ele falou, biqueira de tráfico. Lá não tem, porque é a favela entendeu? Pra melhorar tem que ter um emprego.*

No entanto, no depoimento de participante do G3 foi verbalizada uma crítica mais aguda da determinação da falta de expectativa associada à condição social do jovem, evidenciando que o ensino é importante instrumento de reflexão, que pode contribuir para leitura crítica da realidade.

Nessa direção, foi nesse grupo que a educação foi considerada como a única possibilidade para o jovem ter um futuro melhor do que o da família de origem, embora considerem que a educação básica, oferecida pelo poder público aos jovens que não tem acesso a escolas privadas, tem sido ineficaz como instrumento de ascensão, principalmente porque o ensino formal não tem favorecido a inserção no mercado de trabalho.

Esses participantes verbalizaram que os jovens da região onde moram não atingem níveis de escolaridade além do nível básico, e quando o fazem só conseguem estudar em Instituições de Ensino Superior (IES) privadas, de qualidade duvidosa, que provavelmente não oportunizarão trabalhos com salários melhores do que os atuais, conforme relatos abaixo.

G3b - *Somente um caminho a seguir, por você, é, sinceramente, pega meu exemplo né, você tem as suas idéias, você tem as suas vontades, mas, você não tem sentido de nada, né. Você não tem nenhuma [oportunidade] né? Que nem, eu converso isso muito com os professores daqui (...) muitos jovens querem fazer faculdade, nem todos tem a oportunidade de pagar uma faculdade, nem todos tem a oportunidade de pagar um “Objetivo”, pra conseguir entrar numa universidade pública, então você fica, aí você tem o Prouni, Prouni é pra mim sinceramente é mais um nome bonito aí, ao invés de fazer alguma coisa bonita do que um projeto que ajuda de verdade, né, então você vê: projeção dos jovens? Um jovem que não tem condições nenhuma, trabalha, às vezes, meu, que o cara que não pode tirar um real pra comer um salgado na rua, porque ele tem que ajudar na casa tal, o cara não tem condições de ir pra faculdade, bancar às vezes nem o material né, e você fala, putz, qual que é minha chance? Minha chance é uma universidade pública, porque você consegue até um serviço melhor, consegue bancar o material, porque às vezes você não consegue nem pagar os cinquenta por cento, você sabe! Quem quer fazer veterinária, ou quer um direito da vida, a mensalidade é mais do que oitocentos pau, então você pega aí, ah mas peguei um Prouni de cinquenta por cento, mas meu! Quatrocentos reais às vezes não dá! Precisava entrar na USP, mas você não tem oportunidade, porque a USP mesmo é três por cento das vagas reservadas para estudantes de escolas públicas, então eu acho que o jovem, quando começa a analisar isso, quando ele começa a chegar nessa, nessa fase aí de, faculdade, de fazer faculdade, ele já se depara com isso, já deve dá uma profunda tristeza né, eu graças a Deus trabalho, consigo pagar minha faculdade, fazer as minhas coisas, tal. Aperta, aperta, mas a gente consegue levar, né. Mas imagina, o pessoal que trabalha na favela, que nem eu e o (...), a gente que mora um perto do outro, a gente tem um monte de conhecido alí que, putz cara, quero entrar na faculdade! Mas não tem condições de pagar, aí o governo que era pra fazer o papel, de colocar esses jovens pra, fala meu “O futuro é estudar cara! Vocês têm que estudar pra ser alguém, vocês é o Brasil de amanhã”, você não tem essa oportunidade.*

G3d - *Provavelmente o governo não vai dar incentivo, né. Já não colabora com o jovem, porque a projeção do jovem, se você analisar no país que a gente vive, está muito limitada, somente no mundinho dele, porque ele não consegue se projetar, porque o próprio governo, ele faz um monte de escola de ensino médio e fundamental que ele também não dá um valor, uma assistência correta nas escolas, certo? Pra que? Pra própria pessoa sair de lá, poder entrar numa faculdade pública, e além disso, ele também não dá a chance do jovem se projetar ou pagar uma mensalidade se*

for necessário né, porque, muitas vezes você fez bolsa escola, escola da família, e tal, ajuda? Ajuda pra caramba! Mas não muita gente, mas ainda não é suficiente eu acho, que pra projetar todo mundo, assim, pra uma pessoa conseguir alcançar hoje o objetivo dela.

Os relatos desses jovens evidenciam a ausência de Estado também na formação profissional. Os jovens que conseguem alcançar o nível superior, da mesma forma que eles, precisam trabalhar para manutenção da vida pessoal e familiar, incluindo-se as despesas relacionadas ao curso. Como consequência das possibilidades materiais para manter a vida, o aproveitamento escolar fica prejudicado.

G3d - (...) acho que a dificuldade que eu encontro, é que nós trabalhamos o dia todo e depois todo mundo vem pra cá, você passou o dia inteiro cansado, estressado, [pausa], e você tem que tempo pra estudar? (...) minha dificuldade maior é isso, por exemplo, falta tempo pra você estudar porque se você trabalha, você tá cansado, aí vem pra cá na aula de sexta-feira, na aula de sexta-feira todo mundo tá moído e a partir das nove horas da noite, ou melhor, das oito e quinze né, que começa o segundo horário, você tá preocupado com chegar no sábado pra descansar, ou pra fazer as suas coisas particulares.

A educação de qualidade não é oferecida a todos, somente aos jovens dos grupos sociais com maior acesso a bens, e quando há algum curso de formação para os jovens dos grupos sociais 2 e 3, estes são para suprir a necessidade emergencial do mercado, sem a possibilidade um plano de carreira, conforme relatados nos depoimentos abaixo.

G3b - A escola a mesma coisa! Virou um depósito, não virou mais um local pra você adquirir conhecimento, pra você poder virar um cidadão de verdade, pra você poder tirar às vezes um moleque que mora numa favela ali, que tá roubando né, que tá trabalhando, ou vendendo droga, meu, a escola era pra ser um local pra tirar aquele moleque das drogas, e ali não é, porque ela não tem preparo mais nenhum, aí qual é a projeção que se joga pra ter futuro? Nenhuma projeção! (...) Porque não existe mais projeção, a gente sabe que a projeção é a educação, e a gente não tem investimento na educação, a educação tá jogada num buraco, é esse o meu ponto de vista da projeção.

G3h - (...) eu entendo o sistema (...) o conceito, né? Eu vejo que eles preparam para mão de obra, então a educação pública, esses cursos profissionalizante, só pra fazer pra trabalhar em empresa, trabalhar em indústria e já abre vaga (...) a educação bem melhor [é] para os ricos, os filhos dos capitalistas, os filhos de quem tem dinheiro, então eu entendo um pouco assim, que eles não tem essa intenção de fazer com que os alunos, os jovens, tenham um censo crítico, eu penso isso, eles pensam em fazer “massa” para trabalhar em serviços não intelectuais, é isso que eu penso.

G3g - (...) em Santo André tem vários cursos né, só que o que eu vejo é o seguinte, todos os cursos são voltados para que a pessoa tenha um emprego, mas de forma, mas não de uma forma que a pessoa possa evoluir, então por exemplo, tem um curso de silk screen..., aquela estampa, você vai lá e faz, mas a partir do momento que ele faz aquele curso, posteriormente, não há nenhum mais, nenhum outro curso por exemplo, em que culturalmente ele possa evoluir. Então quer dizer, na verdade, se trata pelo menos, na minha cidade, essa questão de incentivo né, de curso, justamente você vê que os cursos estão baseados assim, é, padeiro, é, silk screen, pra estampa né, corte e costura, que eu achei né, que nem ia ter mais, mas ainda tem, né, falando em educação, então você pode ver que esses cursos que a, são oferecidos, são na verdade, é, cursos que dificilmente você vai ter uma ascensão, você fez você fica estagnado ali, não é?

G3g - Falando da educação depende. Hoje, você fazer é, muitas pessoas não querem fazer a universidade, não querem fazer um curso de graduação por quê? Eu escutei isso: - Poxa, eu vou fazer um curso de graduação de professor, pra ganhar, mil e cem reais, sendo que eu posso arrumar um emprego na Volkswagen e ganhar dois mil e quinhentos por mês, todo ano eu tenho quinze mil de PLR [participação nos lucros], não é? Então quer dizer, até onde? Até onde é, há incentivo? Creio eu que seria incentivo se, olha, você fez uma universidade, seu salário vai ser melhor.

G3h - Então né, na minha cidade, eu participei de três projetos né, o “Jovem aprendiz” que eu tinha uns quatorze anos, depois o “Primeiro emprego” que dava oportunidade de emprego no setor público, que no caso era numa instituição de saúde, e o “Pat”, que também era um estágio, que também dava uma bolsa, só que eu vejo assim, esses programas que eu participei, as pessoas que participaram, meio que, só pra falar que tão fazendo, ah, tô fazendo alguma coisa, nesse caso, aí em época de eleição eles vão lá e colocam que, ah, fizeram algumas benfeitorias pra cidade, o “Pat”, o “Primeiro emprego”, mas depois que o adolescente passa da idade, ele é jogado de lado, que foi mais ou menos o que aconteceu comigo, quando você faz dezoito anos, aí você é retirado do estágio e vence o

contrato, e aí? E depois? Eles não dão uma continuidade no caso da cidade dela, ou um incentivo pra faculdade, seria interessante se eles dessem uma continuidade assim, mas não acontece.

Para os jovens do grupo 1, os mais excluídos de acesso a direitos sociais, a única saída verbalizada como possibilidade para melhorar suas condições de vida era o destino e a força de vontade individual para aproveitarem as oportunidades que aparecessem, uma vez que acreditavam que recursos na cidade existiam, o que faltava eram as “oportunidades” de acesso. Para os jovens desse grupo a possibilidade de melhorar na vida é atribuída ao acaso, ficando determinada apenas pelo jogo de sorte/azar.

G1a – (...) O dia a dia de todos nós aqui, a maioria é desprezante, por falta de oportunidades, por falta de interesse da própria pessoa, porque às vezes a oportunidade vem pra nós aqui, mas por falta de interesse da própria pessoa querer sair da situação de rua, acaba deixando ela naquilo que ela está. Outra coisa, é...o preconceito, existe muito o preconceito pra quem está na situação que nós estamos, existe o desânimo, muitas pessoas se desanimam – Pô eu perdi família, eu perdi esposa, eu perdi filho, eu perdi tudo, to no fundo do poço e acabou a vida alí.

G1c - Tem tudo aí pra você, pra você se tornar um cara legal, pra você ser um jogador de futebol, ser um trabalhador de shopping, tem tudo pra você ter uma vida de qualidade, a única coisa que falta é a oportunidade, só isso. Ficar só elogiando a favela lá, vai na favela porque você quer, se você usa droga, (...) se você faz isso faz aquilo é de tanto você ir lá. Se você deixar de ir lá, você não vai ter, você não vai ver isso no ambiente onde você passa, você vai tomar uma visão bem diferente. O que tem pra gente que é jovem não é a favela, é a cidade, então a cidade tem tudo isso daí, tem shopping, tem pracinha. Não tem oportunidade, só isso. Falta oportunidade.

G1d - (...) as pessoas aqui da (Lalala), eles ajudam um ao outro (...) dá uma força pra você, se você quiser fazer um curso, se você quiser uma melhora pra você, eles dão a oportunidade, só que muitas pessoas não aproveitam, mas tem o pessoal que abraça como também pra poder ajudar a si próprio né, porque cada um tem a sua cruz e salvação, você tem que procurar por você mesmo e eu por mim mesmo.

G1d - *Nem todo mundo tem oportunidade. Se eu falar da minha vida aqui, as oportunidade, na minha juventude (...) eu não tive oportunidade, com quatorze anos eu tive que ajudá minha irmã a sustentar meu sobrinho, porque meu pai me abandonou, entendeu!?*

Já os jovens dos grupos 4 e 5 não depositam no destino ou na sorte as expectativas de futuro, de crescimento profissional e pessoal. Projetam a possibilidade de crescimento e amadurecimento pessoal e profissional futuros na formação que estão investindo no presente

G4I - *Então assim, por exemplo, meus avós que já são casados a 50 anos é...eles não tem assim, é a mesma rotina sempre, eles acordam cinco horas da manhã, dormem as sete da noite e sempre os mesmos horários, então não tem aquela pressa que a gente tem de fazer alguma coisa, porque mesmo aqui em São Paulo a gente tá na nossa idade, a gente tá batalhando pra totalmente ser ao contrário das minhas amigas de Minas, a gente tá querendo ser uma mulher independente que tipo trabalha, não sei que tenha uma profissão pelo menos.*

5.2 CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS

Embora o consumo de bebidas alcoólicas tenha sido verbalizado por jovens participantes de todos os grupos, constatou-se que é distinto quando se compara os relatos dos jovens dos diferentes grupos sociais.

As primeiras experiências: do monitoramento familiar à desproteção da rua com amigos.

Entre jovens dos grupos 4 e 5 os primeiros contatos com o álcool foram com a família. Nesse grupo foi relatado que os pais sugeriram, ou até mesmo ofereceram para os jovens consumirem em casa, para aprenderem o controle dos seus limites quando bebessem fora deste ambiente supervisionado.

G4b - *Assim acho que quando eu comecei a beber foi em casa, porque meus pais sempre foram assim, (...) se você for fazer alguma coisa que seja em casa, que seja na minha*

frente e nãnnãnnã, e quando eu era pequena eu quero provar cerveja tomava a do meu pai, se eu queria tomar vinho [também].

G4m - Meu pai fala melhor liberar aqui [em casa] do que você beber fora, então bebe aqui (...) porque lá em casa meu pai encana (...), fica enchendo o saco quando [eu peço] ah! deixa eu experimentar a cerveja, deixa eu beber um pouquinho. Ele não gosta, agora com vodka ele é liberado, [ele fala] vamos fazer uma caipirinha ... Agora com cerveja (...) sei lá, eu percebo que ele fica incomodado quando eu bebo cerveja.

G4n - Ah não! Porque meu pai sempre foi daquele de tá tomando um drinkzinho, uma amarula, [fala] experimenta! Quando eu era pequeninha eu tomava amarula (...), porque tudo que ele tomava dava pra eu experimentar, primeiro contato desde pequeninha, mas o primeiro porre foi acho que aos 14.

G4d - Mas a apresentação ao álcool foi um pouco mais cedo assim, foi dentro de casa mesmo (...) levava uma taça de vinho, colocava um pouquinho que é família italiana, então, ou falava que não vinho faz bem, molha com pão e tal.

G4f – Eu acredito que é de criação mesmo, na minha casa por exemplo, meu pai gosta muito de vinho, porque ele fez curso e tudo, mas desde pequena, eu e minha irmã, ele falava - prova em casa porque eu prefiro que você prove e veja reação em casa, porque assim quando você sair você vai saber seu limite. Até quando, e eu sempre falei, ah não, porque eu não gostava, até quando eu tomei meu primeiro porre, que foi com...19, aí que eu fui carregada pra casa, aí meu pai falou no dia seguinte, ele riu da minha cara – tá vendo, você não aprendeu a beber em casa, você não sabe, você não sabe beber, não bebe. Aí eu aprendi.

G5e - (...) meus pais sempre fizeram questão que eu bebesse em casa, tipo meu avô ensinou a minha mãe assim, e ela resolveu que ia fazer também. Tipo, se quer experimentar cerveja, experimente em casa, se quer experimentar um vinho, toma experimenta o vinho, se quer experimentar uísque, nossa eu lembro a primeira vez que eu coloquei um, porque meu pai sempre dá umas bicadinhas assim no uísque né, tipo toma uma dose o dia inteiro e é dois dedinhos, e é realmente ele só bica né, e uma vez eu fui bicar, nossaaa! que negócio ruim. Minha mãe sempre fez caipirinha e dava pra gente experimentar, porque ela sempre falou – melhor você conhecer seus limites dentro de casa do que você sair pro bar com os amigos, tudo bem às vezes você toma duas cervejas e tá alegre, às vezes toma duas cervejas e não deu nada, às vezes você não comeu o dia inteiro e você toma duas cervejas você vai ficar bêbado, a sua boca começa a falar estranho, né tipo, então a minha

mãe achou melhor que a gente conhecesse os limites dentro de casa, pra não correr riscos nenhum na rua, nem com ninguém, nem de ficar bêbada, nem de, sempre ensinou também, proibido completo beber do copo dos outros, sem saber o que tem dentro. (...) É então, mas eles sempre foram muito – você quer beber, pode beber aqui – sabe, porque realmente muita gente que vai beber escondido e começa né, dá PT pra ir na balada, dá PT no bar, dá PT na casa da vó da amiga, tipo, e aí vai.

G5f - *Pessoalmente isso aconteceu comigo porque, na minha casa, na minha família ninguém bebe, pela religião, (...), mas meu pai já bebia, mas parou de beber, minha mãe sempre santinha demais, e eles sempre tiveram esse discurso de que não, o que você quiser experimentar você experimenta lá em casa, mas nunca tem. A primeira vez que eu bebi foi com meu irmão, meu irmão mais velho e aí eu sempre bebo. Meu irmão ia beber (...) aí ele teve esse discurso e pôs realmente em prática, não se você quiser fazer alguma coisa tem que ser na minha frente, ele tem muito esse instinto assim de proteção, mas ao mesmo tempo pra mim é muito ruim, porque enquanto eu não estou em casa, ou enquanto eu sei que daqui algumas horas eu vou estar lá, eu tenho a overdose da coisa. Porque aí você tem um espírito de falta de limite enquanto? não existe, como daqui a pouco eu vou tá em casa, então lá que eu fique bem sabe. Aqui eu vou aproveitar o máximo.*

Início do consumo de álcool pelos jovens: diferentes idades em diferentes grupos sociais.

Ainda entre esses jovens dos grupos 4 e 5 relataram o início de consumo de álcool mais tardiamente, se comparados aos jovens dos demais grupos. Vários relataram o primeiro contato com bebidas em festas de 15 anos de amigos. Já o primeiro “porre” foi referido por jovens desses grupos após o ingresso no curso superior, em festas da faculdade, em idades mais avançadas.

G5a - *Não, ah eu bebi eu tava com uns quinze, dezesseis anos, a primeira vez, mas tipo, eu não lembro muito bem, mas não foi dessa vez que eu fiquei “locasso” (...) eu passei a beber mesmo, assim mais, foi depois que eu entrei pra faculdade.*

G5g - *Olha, eu comecei bem tarde assim, lá pelo terceiro ano do colegial, é assim mais ou menos o que o (Fulano) falou, nunca me atrai muito assim, mas assim depois que eu*

entrei na faculdade, happy hour tudo, nas festas, começa. Hoje eu bebo socialmente né, não vou beber assim, dá PT, alguma coisa.

G4d - *Então eu comecei a sair tinha uns 15, 16 anos, quando eu comecei a sair. Aí nisso eu acho que foi o problema, porque tudo que o (Fulano) viveu aos 13, eu comecei a viver um pouco mais tardio.*

G4i - *O meu foi mais tarde, porque meus pais não bebem, eles não bebem nada, então em casa, quer dizer, quando tinha festa de família tinha bebida até, mas eles não me aconselharam a beber, então foi muito mais fora do que dentro de casa. Ah, eu lembro que foi nessas festas quinze anos. Quinze anos, por aí.*

G5h - *Nunca fiquei mal assim, de dar “PTzasso” assim, embora eu acho que, a primeira vez que eu fiquei mal assim foi na faculdade cara, na [festa de] Recepção.*

G5c - *Porque o que acontece, antes da faculdade, tipo, eu bebia assim, eu pegava a caipirinha da minha mãe e bebia, um golinho ou outro, dividia com alguém. Aí a primeira vez que eu fiquei bêbada, foi depois que eu entrei pra faculdade.*

Dentre todos os jovens do estudo apenas um, do G5, relatou que o consumo de álcool exerce *um papel muito importante* na vida. Referiu, como mostra o depoimento abaixo, o início do consumo em idade mais precoce do que os demais jovens do G5.

G5i - *Então é difícil falar isso, mas eu acho que a bebida tem um papel muito importante na minha vida, assim há bastante tempo. O primeiro PT foi com 14 anos, e não sei, se eu pará pra pensar quantas vezes eu sai de casa num sábado e eu me diverti e bebida não estava envolvida, tipo bem raro, principalmente agora. É meio triste falar isso, né? Eu acho que a bebida ela não é, nossa!... Pra me divertir eu tenho que beber, mas é uma coisa que você associa, então tem uma festa, (...) a bebida é super cara lá e tal, você bebe antes, ai aquela festa é open bar, então você vai na fúria pra festa assim, sabe? (...) Então eu acho que assim, realmente tem um papel muito importante na minha vida assim, da parte social, bastante mesmo, é..eu fico pensando assim, nossa será que eu conseguiria namorar alguém que não bebe? Não sei porque boa parte das coisas que eu faço envolve bebida (...), a primeira coisa que eu penso, eu acho, quando vou sair, antes talvez de roupa é onde que eu vou beber? É bizarro isso, não precisava.*

Diferentemente de jovens do G4 e G5, jovens dos outros grupos referiram que a idade de início do consumo e do “primeiro porre” foi mais precoce. Um dos jovens considerou tardio o início do consumo de álcool aos 15 anos (G3 d).

G2c – *Eu até experimentei (...) a pinga vai, entrei em coma alcoólico e nunca fiquei tão feliz, ó foi pinga com maracujá tenho nojo até hoje (...) Entrei em coma alcoólica mesmo, tinha 13 anos, pinga de alambique, lembro até hoje batida de maracujá e aqueles salgadinhos, aqueles de isopor, nossaa (...).*

G1a - *Eu tinha aí uns onze anos. A primeira vez que eu me embriaguei. Ah era...naquela época acabava bebendo cerveja, kaiser, Brahma, aí comecei a misturar e aí eu fiquei embriagado. Quando eu cheguei em casa, meu pai olhou assim pra mim e falou – Eu não acredito! – Ah pai, eu tava lá na festa pai. – (Fulano) eu falei pra você não beber – Ah pai, eu tava na festa. – Não, eu falei pra você não beber. Eu bebi porque era festa e...eu achava assim, vou beber, vou ficar bêbado...Não, não era liberado pra crianças, só que como era aniversário, eu dava uma escapadinha aqui, uma escapadinha ali, e bebia, né, aí quando eu fiquei embriagado, aí os colegas falou – Pô o (Fulano) vai apanhar. – e apanhei mesmo.*

G3e - *Então, eu não me lembro a primeira vez que eu bebi, mas foi no mesmo contexto do (Fulano) assim, nos meus treze, catorze anos eu me lembro do meu primeiro porre, eu não gostava de nenhuma bebida amarga, não gostava de cerveja, nem de pinga, nada, gostava de vinho que era docinho, adorava um vinho. Aí saindo da escola com um amigo meu, saindo da escola: - Ah, vamos tomar um vinho, é mó bom, é doce! Então vamos! Tomamos um litro! Tava ficando meio tonto: - Vamos comprar mais um? Vamos! Compramos, daí eu não lembro de mais nada, nem sei como eu cheguei em casa.*

G3d – *Aí eu fui, mais tarde beber depois, com quinze anos, assim, de muita insistência de amigos, eu ia em festas nessa época e eu nunca bebia e tal, não, bebe! Bebe! Não sei o que. E eu sempre lembrava, nossa, vou nada! Aí até que uma vez eu experimentei cerveja, e, diferente de todo mundo (...) eu gostei! Hoje eu gosto de cerveja assim! E eu, é, ah, a gente acaba bebendo cerveja, até hoje é uma bebida que eu gosto assim, gosto de tomar vinho, mas é muito pouco, mais é cerveja mesmo. Embora eu tenha, ninguém tenha enfiado cerveja na minha boca, assim, se não fosse alguém que tivesse oferecido, ou insistido pra eu beber, eu não teria bebido, obviamente que não! Então eu*

acho que com certeza influenciou assim, ninguém faz por você.

Ainda entre esses jovens, especialmente os do G2, há relatos de influência da família no contato com a bebida alcoólica. Diferentemente de jovens do G4 e do G5 o contato com o álcool estava associado, por um lado ao estímulo de familiares abusadores de bebidas alcoólicas, tanto no ambiente familiar quanto no bar, e por outro lado pela curiosidade despertada pela proibição dos pais.

G2e - *Eu comecei beber como hobby (...) aprendi com meu pai mesmo, meu pai tipo assim, eu só morava com meu pai eu não tenho mãe né, minha mãe é falecida, ele ia no bar beber cerveja, ele é viciadão, ele é carioca e carioca bebe pra caramba cerveja, aí eu ficava olhando, aí ele falava - eu sei que se eu não der pra você, você vai beber escondido e então é melhor você beber como eu quero que você beba, mas saiba beber, nunca faça nada de errado, assim, não saia pendurado do bar, se arrastando, alguma coisa assim, quero que você aprenda a beber cedo, mas que você tenha juízo pra beber (...). E foi assim que comecei a beber, foi com 11 anos.*

G2a - *(...) eu vendo minha mãe beber, que eu não tenho pai, só minha mãe, então todo mundo gosta de uma cervejinha, minha mãe, minha tia, aí sempre tava do lado ali né, a espuminha da cerveja, começou... a cerveja com groselha pra ficar docinho, ou com limão.*

G2f - *(...) a primeira influência que a gente conhece o álcool na verdade são nas reuniões familiares, vendo ao pais bebendo, esse é o primeiro contato. Você vê de repente seu pai e sempre tem aquela proibição que gera uma curiosidade. Você não pode e aí quando chega uma certa idade que você de repente tá em algum lugar e você não está na presença dos seus pais você acaba experimentando. Seja ela vinho, seja ela cerveja, o que tiver você acaba experimentando. E aí isso gera, isso na verdade gera uma sensação agradável onde consecutivamente você acaba consumindo em festas, em baladas. Mas meu primeiro contato foi assim.*

G2g - *(...) eu via meu pai tomava um golinho também mas era controlado também (...). Mas ele nos proibia também e então depois parou também, dá uma certa curiosidade (...).*

Diferentemente dos grupos anteriores, jovens dos grupos 1 e 3 não verbalizaram interferência familiar no início do consumo de álcool. Por outro lado, observou-se que as primeiras experiências desses jovens aconteceram em situações desprotegidas: na rua com amigos da mesma faixa etária, em horário em que deveriam estar na escola. As descrições evidenciam que para beber, ato proibido, quebravam regras, fugindo da escola.

G1f – *Ah! Minha primeira vez foi na frente da escola, foi eu e uns amigo, a gente tava lá, a gente já, tava combinando as coisas aí, e uma hora que chegou a vontade mesmo e, a gente falou – e aí malandro vamo comprar aí, vamo fazer um esquema lá – mas foi tranquilo, tava um solzão bonito, um dia muito tranquilo, tudo normal, tudo sossegado, aí a gente pegou, comprou, já levamo dinheiro, e colocou dentro da mochila, pegou e mandou pra dentro até.*

G3b - *O meu, eu lembro perfeitamente, matamos aula, fomos no supermercado, pegamos o cara que mais tinha cara de velho, ele comprou uma cerveja e uma vodka, Nossa! Eu fiquei muito louco com o bagulho cara! Nossa! Eu vi aquele negócio no poste....era uma segunda ou terça...uma coisa assim. Foi seis horas da manhã, a gente matou aula de manhã pra ir no mercado, e foi muito engraçado porque, só da chupetinha mesmo que eu tinha bebido né, mas eu não lembro, mas que nem, a vodka meu, eu olhei aquele negócio transparente no copo, falei brother: - Isso é água, e glau, nossa! Meu, como queimou minha língua aquele dia! Foi treta chegar em casa, né, chegar em casa.*

G1d – *Ah então, cheguei lá e a primeira vez foi com amigo, infelizmente a amizade me levou. Tava em aula, foi todo mundo pra balada, demorou, depois chegamo lá (...) e aí uns amigos meu tinha, era maior de idade aí, foram lá, buscaram a bebida e ficamo doidão.*

G3h – *Ah, foi na escola, é, eu era, mais, tipo, ah influência de amigos, mal influência muitas vezes, mais por influência.*

Consumo de álcool: o lugar que ocupa na vida dos jovens

Nos grupos G1 e G2 foi comentada a facilidade de acesso à bebida alcoólica, até mesmo, pela disponibilidade de encontrar o produto a preços baixos, como relatam os depoimentos abaixo.

G1c - *O problema pra mim é o álcool sabe?, porque o álcool é uma coisa muito fácil de se conseguir, também é uma coisa muito barata, não é tanto como SPA [substância psicoativa]. (...) Você vira a esquina tem, você senta num lugarzinho tem, são o que, são os bares, os restaurantes, entendeu, são os serv-service, cervejas. É uma coisa mais fácil que tem (...) porque não é uma coisa que você fuma entendeu? é uma coisa que você bebe, é uma água, então você pode esconder facilmente em uma garrafa, você pode beber no mercado sem precisar comprar, você chega no mercado bebe e toma, pronto, muito fácil.*

G2h - *A gente é pra bem dizer criado em periferia né, e o que que acontece, o que mais tem é buteco né, e quer queira quer não você sempre tem um amigo dono de bar ou então os amigos estão sempre no bar, e sempre vai rolar a cerveja né, cervejada mesmo, e de lá pra cá né, a gente sempre né, de fim de semana, e até em alguma festa essas coisas a gente se contenta tomando umas cervejas, umas quente também né (...).*

Foi possível observar que, diferentemente dos jovens dos demais grupos, entre os dos grupos 4 e 5, há diálogo sobre o álcool na família e um certo monitoramento do início desse consumo, que ocorre em idade superior aos demais participantes, e em locais protegidos, sugerindo que essa aproximação dos pais com o tema do consumo de álcool pode favorecer uma atitude protetiva aos jovens.

Os jovens do grupo 4 e 5, como descrito anteriormente, identificam a juventude com a fase de “curtição da vida” e da possibilidade de passar dos limites antes de se tornar adulto. No entanto, sinalizam que no decorrer da juventude tanto as responsabilidades quanto o auto conhecimento vão definindo limites para o consumo abusivo. Foi verbalizada a perspectiva de diminuir ou cessar o consumo.

G4g – *Mas quando você é pré adolescente você toma pensando em ficar bêbada, a maioria. Eu vou beber e eu sei onde eu vou parar, pra aprender até onde eu vou, você não bebe porque... eu quero é ficar doidona, porque é legal.*

G4b - *Vai mudando, porque que nem antes a gente bebia pra ficar bêbada porque era legal, agora a gente bebe pra se distrair, e depois tem outras coisas que vai levar a gente, entendeu?*

G4o – *A gente é assim, a gente sai e a gente bebe. Num final de semana vou beber pra se divertir. Eu não acho certo, mas eu penso assim, eu faço isso hoje porque quando eu virar mãe eu não vou fazer mais, entendeu!? Então eu vou aproveitar a minha juventude, vou aproveitar agora, depois eu vou tá lá com bebê no colo (...).*

G4j - *[juventude é a fase pra aproveitar] não pra sair pra beber e se matar bebendo, né? Disso não precisa, mas tudo faz parte do aprendizado da pessoa, pode sair pra beber, desde que seja consciente, isso não teria problema. Eu acho que sair pra viajar, fazer mochilão, ir pra algum lugar do mundo e conhecer, acho que a oportunidade é agora, depois mais pra frente vai ter uma família, vai ser mais difícil você... ah! tchau, fica aí, eu vou sair uns dias, volto daqui 6 meses. (...) acho que no dia que você tiver uma família, você não vai poder fazer isso. E também não é só isso, você tem o trabalho tem dia que você tem que entrar cedo, você não pode falar, ah! não vou vir essa semana aí.*

Jovens de diferentes grupos referiram o consumo de álcool em situações de lazer e como facilitador da sociabilidade, conforme retratam os depoimentos G2h, G3g, G3d, G4l, G5j, G5h.

G2h - *O que mais me influencia é o jogo.(...) É mais que problemas em casa, mais que qualquer coisa, é o futebol (...) influencia na cervejada. Nem quem não joga, eu mesmo não jogo futebol mais, ou eu vou beber uma no bar, tomar uma cerveja quando o meu time tá jogando, ou então pra secar o dos outro, aí a gente toma pra tirar sarro dos outro. A Liga dos Campeões é patrocinado por quem? Pela cerveja, e não só o jogo de futebol como qualquer um outro jogo. É o jogo de baralho, de sinuca, qualquer coisa, tem que rolar uma bebida junto, se não, não vira, não tem graça.*

G3g - *(...) igual sexta-feira, às vezes a gente bebe, não é o fato da cerveja em si, mas do momento. É uma confraternização, então é o momento que a gente fala da faculdade, é o momento que a gente fala de alguma coisa, não é o fato de beber cerveja, que a gente bebe. O fato de beber três, quatro garrafa, a gente bebe uma só (...) mas é então é mais ou menos isso, às vezes o beber não é nem assim, acho que dificilmente aqui, a não ser aqueles, com raras exceções que bebem sozinhos em casa, se eu bebo em casa eu bebo com o meu pai, porque sozinho dificilmente.*

G3d – *Pô a gente vai num bar, assim, não, assim, se no bar só tivesse refrigerante, eu iria no bar! Tomar refrigerante com os meus amigos pra poder conversar, entendeu? Na*

minha visão aqui na faculdade, assim, é socializar mesmo, um espaço de conversa.

G5j - *Já ouvi muita gente dizer, breja é social, muita gente que tipo bebe breja não porque (...) curte, é que tá com amigo e daí começa a beber, tá ligado!?*

G5h - *Nunca fiz amigos bebendo leite.*

G4l - *Acho que ninguém aqui bebe sozinho né, só o verdadeiro AA. Se você sair com amigos é pra beber, com o namorado pode beber e ir pro cinema, eu acho assim que amigos meus assim, cinema não rola é pra beber. Namorado também, jantar. Posso falar uma coisa, assim não porque eu não estou com meus amigos eu não bebo, porque quando eu saio com a minha mãe pra jantar eu bebo, porque se ela pede um vinho eu bebo, se ela pede uma cerveja eu acompanho, então dá na mesma, entendeu eu sempre tô tomando. Mas eu vou fazer o que? É verdade, quando a gente tem tempo livre o que a gente faz? Enche a cara.*

Uma vez reconhecido como fonte de prazer e como facilitador da sociabilidade, mesmo que inicialmente a bebida não agrade ao paladar, os jovens insistem até conseguirem beber, conforme mostram os depoimentos abaixo:

G3g - *(...) eu descii pra praia, Praia Grande, com o meu tio, eu tomei uma Kaiser, nossa senhora! Tava com um primo, a namorada dele, o pessoal tava bebendo, o cara não tava nem ai pra quem tava bebendo, você chegava com dinheiro, você comprava! Porque assim, meu pai, meu pai indiferentemente, nunca me incentivou a beber, mas ele também nunca me proibiu, então: - Vamos comprar? Vamos! Tomei a cerveja primeira vez na lata, mas também não gostei porque era amarga, tem isso também, às vezes a gente começa com uma bebida mais doce, aí tem, aí você toma uma batida né, e aí você vai gostando (...).*

G3f - *O porquê na verdade que a pessoa bebe, muitas vezes, muitas vezes a primeira vez, porque muitas vezes não é nem pelo gosto pela bebida, mas sim pela brisa da, porque se fosse pelo degustar alguma coisa, nós iríamos em algum lugar, tomaríamos uma cerveja e sentiríamos o gosto dela e ia embora pra casa! Não fazer igual esses aqui, tomar [risos] dezoito, dezenove. É, porque vamos ser sincero? O cara pegar e tomar uma cachaça, ou, é ruim pra caramba, meu! É ruim, eu acho que quem já vai tomar alguma coisa pra sentir o gosto vai tomar um suco de laranja né, que é gostoso, um açaí, um suco de morango, não, é real!*

G3c - Na verdade, a gente quer desestressar, às vezes fazer o social com as pessoas, mas a gente gosta de beber! Então não tem assim, essa questão assim, eu to ali porque ta o pessoal ali, no caso não sei se alguém já viu eu chegando no bar, eu tô ali, abrindo minha cerveja e bebendo sozinho, eu sei que alguém vai chegar! Mas num é uma questão assim, que eu sei, eu tenho certeza que alguém vai chegar! Eu vou tá ali, vou tá tomando na minha, se ninguém chegar eu cato e entro na sala, de boa - tomou? Tomei! É, eu tenho uma comunidade com uns amigos meu que é em beber, é, motivos para beber, então todo mundo quer ter um motivo pra beber, mas na verdade o único motivo é porque gosta! Se não gostasse não tinha ido.

G4g – Você fica com curiosidade pra saber se é bom né, isso é normal, (...) meu namorado fala muito isso – eu não gostava de cerveja mas hoje eu gosto, no começo eu achava ruim mais depois você acostuma. A maioria das pessoas que eu ouço que fala que gosta de cerveja, fala que depois acostumou, não é porque achava gostoso o sabor, e eu acho que é isso mais pela influência, todo mundo toma cerveja, então eu vou tomar (...).

G4l - Eu acho assim que nem, eu não sei o que acontece, porque assim o gosto da bebida não é uma coisa assim boa, e outra queima a garganta, você vai escolher um guaraná ou você vai escolher um negócio sabe. Eu falo pro meu namorado mesmo, às vezes quando a gente tá tomando cerveja, tomando vodka, essas coisas, daí ele vai lá e compra um guaraná e fala – porque que eu tomo cerveja, fala sério é muito mais gostoso, um guaraná docinho. Várias pessoas que eu conheço falam isso entendeu, então a gente continua bebendo.

No entanto, jovens dos grupos 4 e 5 descrevem o consumo de álcool inserido a outras possibilidades de diversão, como relatados nos depoimentos abaixo:

G4f - Ah eu gosto [de viajar]. Minha irmã mora fora [do Brasil] também então, eu viajo uma vez por ano também, guardando um pouquinho. Ah porque é uma opção também né, se você paga as contas, você escolhe, às vezes eu escolho – ah eu vou sair pro barzinho hoje, ah eu vou gastar cinquenta reais - hoje em dia é fácil gastar cinquenta reais, vai assim, vou gastar bebendo ou eu vou fazer uma coisa que eu não gaste, vou na casa de alguém, ou eu vou vê, vou só no cinema.

G4b - Mas também eu acho que é assim, eu troquei muito, eu ia pra balada e tal, mas hoje em dia mesmo que eu tenha

tempo, eu tô cansada, então geralmente é ir jantar, no teatro, cinema.

G5b - *Ah, não sei, eu pelo menos vou muito ao cinema, de vez em quando tem algumas exposições mas, não sei, dia de semana a gente costuma, ah sei lá, pra mim, [risos] a gente vai em bar, nos bares que tem por aí, no final de semana também, quando fica mais tarde assim, a gente vai em bar mesmo, pra ficar tomando uma cervejinha.(...) normalmente não só os da faculdade, [também com] os amigos de fora, eu acho que esse é o programa que é feito assim, mais raramente uma balada porque é muito caro.*

G5l - *Acho que fica mais alegre, eu acho. Eu fico pelo menos, mais alegre, animado, esse negócio de ficar descontraído eu não sei, eu não vejo a bebida assim, se eu bebo pra fazer coisas que eu não faria, não é muito isso assim, é mais a sensação, você fica animado, e se você vai assistir jogo com os seus amigos também, e se você bebe, daí você fica alegrinho com todo mundo, o ambiente fica engraçado, você ri mais, mais esse tipo.*

G5f - *Aquilo que a (Fulana) tava falando de que, aí eu não lembro quando eu sai e me diverti sem beber é, esse ano assim, todo ano a gente tem o (Lalala) né, o mês de jejum, e eu realmente não bebo nesse mês, fico totalmente clean, e eu sai durante várias vezes nesse último ano em especial, porque desde que eu entrei na faculdade eu tive essa impressão de que eu nunca mais consegui sair e não beber. Eu falei será que eu consigo isso, isso é muito difícil, eu conheço poucas pessoas que falam não, eu tenho um amigo meu que falou a cada dois happy hours um deles eu fico sóbrio, pra ver como que é o mundo assim, porque se não fica difícil. Eu fiz isso no (Lalala), e foi bom assim, eu consegui me manter, fiquei acordada até o fim da balada, fiquei tão animada quanto, é que é difícil você falar, hoje eu não vou beber; você tem medo de ficar careta demais, e que aí você não vai tá acompanhando a alegria da galera, então você aí não vou fazer isso, tipo é difícil.*

A motivação para a escolha do tipo de bebida alcoólica também difere entre jovens de diferentes grupos.

Jovem do G5, por exemplo, relata optar pela bebida destilada, de maior concentração alcoólica, antes de entrar na balada, para gastar menos durante a festa; bebe só para “manutenção” e assim consegue consumir bebida melhor qualidade.

G5m - No esquentar normalmente é destilado né? é que no esquentar normalmente precisa de efeito rápido, (...) você tá pegando balada, então... Normalmente a gente se prepara porque dentro da balada, no meu caso, a minha estratégia é só manutenção dentro da balada... É uma cerveja, uma dosezinha, como é só cerveja dá pra comprar uma cerveja um pouco melhor né, comprar uma..., aí de vez em quando dá uma "vodkinha". É diferente, por exemplo, num churrasco que vai durar o dia inteiro, é melhor uma cervejinha, um chopp.

Já jovem do G2, que também relata a escolha de bebidas de maior teor alcoólico, refere que essa escolha ocorreu com a intencionalidade de ficar bêbado gastando pouco dinheiro.

G2f – Eu nunca bebia cerveja, todo mundo falou de cerveja, eu nunca gostei. Quando eu bebo, eu falo por mim né, sempre a intenção quando eu saia, o dinheiro era curto né, então se você vai beber dez cerveja, às vezes você não conseguia ficar bêbado né, então já bebia logo uns forte pra chapar logo de uma vez. Eu nunca tive esse costume de, que nem os caras vai pro bar comer ou para no bar assim, eu quando saia pra beber já saia pra estalar mesmo, ficava doido.

Não foi possível contemplar depoimentos do G1 na maior parte da análise dessa temática, uma vez que o consumo do álcool nos demais grupos foi associado a sociabilidade e lazer, enquanto neste grupo (G1) parece que o consumo de álcool é um ingrediente sem peso privilegiado que se agrega às demais necessidades para manutenção da vida, uma vez que diariamente tem a sobrevivência ameaçada.

G1c - E também o vício sei que não está presente nos mais jovens, está presente nas pessoas que já são mais velhas, com idade já, que são uma influência maior, entendeu? Então se o jovem ele tiver problema com álcool, se ele chega numa pessoa mais velha de rua ele sabe que ele vai encontrar com essa pessoa mais velha de rua, ele vai ter mais segurança, ele vai ter opção pra ganhar mais dinheiro, se quer ganhar dinheiro você fica sentado em qualquer esquina aí com um veinho que de repente você já tá com 50, 500 real no bolso, curtiu? E assim você bebe, fuma, compra.

Após a análise dos dados pode-se verificar que as similaridades apresentadas entre os jovens dos diversos grupos sociais foram referentes a consideração da juventude como período transitório, fase de preparo para a vida adulta; período de pouca responsabilidade, no qual deve-se curtir, aproveitar a vida, viver intensamente.

A similaridade referente ao consumo de bebidas alcoólicas é que o álcool permeia todos os grupos como sinônimo de prazer e promoção da sociabilidade entre os jovens.

As diferenças encontradas entre os diversos grupos é como percebem a vivência da juventude, os jovens com menos acesso a bens relataram não ter vivido essa fase, que foi interrompida pela necessidade de ajudarem a manutenção material da família. A autonomia e a perspectiva de melhor futuro profissional também se estabelece desigualmente, com vantagem para os jovens de mais acesso a bens.

Referente ao consumo de bebidas alcoólicas verificou-se que a idade de início foi mais precoce entre os jovens com menos acesso a bens e as primeiras experiências ocorreram em locais desprotegidos, como a rua, diferentemente dos jovens de melhores condições socioeconômicas, que tiveram a possibilidade de diálogo e um certo monitoramento por parte dos pais, considerado como fator de proteção para os jovens.

A large, light gray decorative swirl or floral motif is positioned on the right side of the page, extending from the top towards the bottom. It features elegant curves, loops, and small leaf-like details.

6 Discussão

6 DISCUSSÃO

À primeira vista a juventude é uma fase vinculada à idade e o amadurecimento fisiológico do corpo, porém a concepção de juventude vai muito além dessa percepção, é uma significação do coletivo, construída sócio historicamente (Margulis, 2001). A juventude não tem marcos cronológicos que definam seu início e término, o que a delimita é a condição socioeconômica que determina o contexto em que o jovem está inserido (Corti, Souza, 2005).

Neste estudo verificou-se que os jovens de condições socioeconômicas mais precárias foram os que mais verbalizaram a ausência da fase da juventude em suas vidas. No outro extremo socioeconômico os jovens relataram viver intensamente essa fase, evidenciando as diferentes vivências da moratória social e do tempo livre, possível de ser explicada pela afirmação de Margulis (2001), que afirma que a moratória social concedida aos jovens de grupos sociais mais favorecidos financeiramente é um período de permissividade em que o jovem pode vivenciar os símbolos da juventude, como alegria, beleza, despreocupação, acompanhar moda e desfrutar de todos os momentos sem se preocupar, enquanto completa seu preparo para o mundo adulto. Inversamente, os jovens de piores condições socioeconômicas sentem-se excluídos da vivência da juventude.

Resultados de estudo sobre *traços da vivência juvenil no Brasil de hoje* mostraram que os jovens relataram que o melhor da juventude é poder *aproveitar a vida/ viver com alegria, não ter preocupação/ responsabilidade/ compromisso e poder estudar ou só se dedicar ao estudo*. O ingressar no mercado de trabalho e assumir responsabilidades, dentre elas a constituição de família própria, foi citado como a marca da maturidade e término da juventude (Abramo, 2005).

Esses resultados acima, assim como os encontrados em Lachtim, Soares (2011), legitimam os deste estudo, no qual os jovens também só consideram estar na juventude quando não sentem as responsabilidades

que a vida adulta traz, como ingressar no mercado de trabalho para auxiliar financeiramente em casa e ter a independência financeira.

A desigualdade de concessão da moratória social aos jovens dos diferentes grupos é intensa a ponto de parte dos jovens verbalizarem a percepção da inexistência do período de juventude em suas vidas. Com isso esses jovens, os de condições mais precarizadas, não percebem a vivência da moratória vital, negando a passagem por esse período.

A afirmação de terem “pulado” da infância para a vida adulta, experiência concretamente impossível, pois todos vivenciam a moratória vital (Margulis, 1996), é favorecida pela interpretação de juventude proposta pelo funcionalismo. Ao desviar do modelo proposto é considerado disfuncional, fora do padrão ideal do que é ser jovem.

(...) em certa medida a experiência dos jovens burgueses, que imprimiu o conteúdo da noção moderna de juventude, funciona até hoje como padrão ideal em torno do qual têm sido avaliadas as possibilidades de outros setores sociais de aceder a esta condição, de “viver a juventude”, como se diz, e também a partir do qual se medem as abreviações, extensões e interrupções da etapa, assim como os desvios e negações de seu conteúdo (Abramo, 2005, p. 43).

Para jovens para os quais a moratória social é mais curta, embora tenham a expectativa de chegar à vida adulta em condição econômico-social melhor do que a de sua família de origem, dificilmente conseguirão atingir essa expectativa.

A inserção no mercado de trabalho é mais difícil, segundo pesquisa nacional com jovens (Abramo, 2005) o desemprego entre jovens universitários é quase a metade da proporção de jovens desempregados com menos escolaridade. Outro resultado mostra que a renda é inversamente proporcional ao desemprego entre jovens e quanto menor a escolaridade e a renda, piores são as condições de trabalho.

Com a inserção precoce dos jovens no mercado de trabalho, este acaba se tornando mais exigente, o que faz com que o jovem busque a escola para terminar o ensino regular, no entanto as condições de ensino

não tem respondido as necessidades de formação dos jovens (Corti, Souza, 2005).

Grande parte desses jovens precisa ingressar no mercado de trabalho antes de concluir a formação, o que significa inserir-se em empregos que não exigem qualificação e conseqüentemente receberão baixos salários. Como relata Lachtim, Soares (2009), terão condições sociais semelhantes, quando não piores, do que as da família de origem.

Outro aspecto associado à moratória social mais curta é a expectativa social a respeito do aumento da responsabilidade que esses jovens devem assumir, que é mais rigorosa do que a expectativa de jovens com período de moratória maior.

Ao ter a moratória social encurtada o que se espera é que o jovem ingresse no mercado de trabalho (Margulis, Urresti, 1996) e que desenvolva autonomia para o enfrentamento das situações de vida.

Porém, se permanecer desempregado, o que significaria *tempo livre* para jovens com melhores condições socioeconômicas, para esses jovens é um período penoso e considerado perda de tempo, ócio (Margulis, Urresti, 1996).

Pode parecer que jovens residentes em regiões periféricas das cidades, por terem precárias condições socioeconômica, atingem a juventude com nível de autonomia para transitar sozinhos, maior do que os jovens residentes nas áreas mais centrais da cidade, por circularem desde a infância pelo bairro sem a tutela dos pais ou a supervisão dos adultos.

No entanto, como define Corti, Souza (2005), autonomia desenvolve-se processualmente, a partir das relações sociais que estabelece e que possibilitam ao jovem experiências que desenvolvem a capacidade de análise de situações para, cada vez mais, estar capacitado a fazer julgamentos e realizar escolhas, rejeitando progressivamente a tutela dos adultos.

Embora “a autonomia seja sempre relativa, já que o contexto social apresenta restrições e limitações ao seu exercício”, é possível afirmar que se desenvolve em diferentes níveis, relacionados ao grupo social de origem do jovem (Corti, Souza, 2005, p. 27). Portanto, a tomada de decisões e a

realização de escolhas, inclusive as profissionais, ficam mais restritas quando se trata de jovens dos grupos sociais com menos acesso a bens e direitos de cidadania.

Essa definição explica os dados encontrados neste estudo. Os jovens que aparentemente chegaram à juventude com menor nível de autonomia, a desenvolveram mais plenamente, pois tiveram a possibilidade do desenvolvimento do processo de forma crescente, possibilitando que tivessem mais liberdade e independência para realizar escolhas, tanto no âmbito da sociabilidade, quanto do início da inserção no mundo do trabalho e da escolha profissional.

Nesta pesquisa jovens depositavam confiança na educação para melhorar a condição de vida, mesmo criticando a sua qualidade, diferentemente dos relatos de jovens do estudo de Lachtim, Soares (2009), para os quais o trabalho era o que poderia facilitar a melhora de suas condições de vida.

Esses jovens, que estudavam no período noturno em escola pública, trabalhavam para auxiliar financeiramente a família e achavam o ensino desestimulante e repressor, além de deficitário para prepará-los para o trabalho. A escola era mais valorizada como espaço de encontro do que como instituição de ensino, sendo esse um dos estímulos para a presença dos jovens naquele espaço. (Lachtim, Soares, 2009).

Neste estudo também foi relatada a insuficiência do ensino nas escolas para preparar os jovens para o mercado de trabalho e também há semelhança de quando se considera a função atribuída à escola.

Da mesma forma que em Lachtim, Soares (2009), a função considerada primordial não era a educação e sim a certificação final do curso e o espaço de sociabilidade. Neste estudo, porém, adicionalmente foi relatada a função da escola de manter crianças e jovens fora da rua.

Corti, Souza (2005), descrevendo achados de pesquisas a respeito da visão da escola pelos jovens, sinalizam com diversos aspectos que explicam essa transição de significado da escola para os jovens, a começar pela ausência deles em espaços de discussão e decisão, que possibilitariam a participação dos jovens desde o espaço de formulação das políticas até a

operacionalização destas nas práticas educacionais, ou seja, não há promoção da participação ativa dos jovens em seu processo educacional.

Sinaliza também aspectos relacionados aos *educadores* que interferem no processo ensino-aprendizagem, que são os relacionais (vínculo e respeito), do conhecimento do professor – tanto em conteúdo quanto na forma de utilizá-lo no processo ensino-aprendizagem (Corti, Souza, 2005, p. 109).

Outro aspecto fundamental descrito é o das “*regras e pactos de convivência*”, uma vez que a escola pública tem sido associada a espaço de injustiça, intolerância e violência, justificada muito mais pela situação social dos estudantes do que pela indefinição de regras claras e justas na escola, escamoteando assim a causa das tensões e conflitos entre estudantes, educadores e dirigentes. Por não ser um espaço neutro, a escola tem potência para configurar-se como emancipatória, promovendo mudança e transformação, ou alienante, reproduzindo valores dominantes, mantendo ou até mesmo aprofundando as desigualdades e injustiças sociais (Corti, Souza, 2005, p.110-13).

Consequência dessa visão, a escola foi pouco a pouco se transformando, para os jovens, de espaço de ensino em espaço de encontros e convivência.

Neste estudo os jovens de maior acesso a bens e cidadania não fizeram nenhuma crítica à qualidade do ensino, nem relacionaram a qualidade do ensino à dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Provavelmente não o fazem por terem frequentado instituições de ensino escolhidas para a formação, por terem escolhido a profissão e pelo fato de suas expectativas estarem direcionadas ao sucesso profissional individual.

Noutro extremo, os jovens de menor acesso a bens e cidadania também não fizeram crítica à qualidade do ensino público, nem depositaram a expectativa de melhora de vida por meio da formação escolar. Esse posicionamento pode ser explicado pelo fato de atribuírem a responsabilidade pela melhora das condições de vida ao esforço próprio e à sorte, expressando a idéia difundida de que o sucesso depende do esforço

de cada um refletindo, como sinaliza Soares (2009), um valor contemporâneo que atribui ao indivíduo a culpa por não ser bem sucedido.

Esses valores são difundidos pelas mídias e passam a fazer parte do imaginário social, de todos os grupos sociais. Um exemplo neste estudo é a auto culpabilização dos jovens mais pobres, que referiram que oportunidades existem, o que falta é esforço e sorte.

Essa função da mídia pode também ser evidenciada ao associar juventude a situações problemáticas. Quando a mídia noticia atos delituosos cometidos por jovens, não atribui a eles o mesmo nível de responsabilidade pelo ato cometido, sendo que a responsabilidade é inversamente proporcional ao acesso a bens e aos direitos. Um exemplo são os jovens de elite que saem de festas embriagados e vão dirigindo para suas casas, ou até mesmo dirigem sem a habilitação. E outro exemplo é o jovem que assalta no farol.

A mesma relação de proporcionalidade ocorre quando a mídia destaca o consumo de bens e mercadorias, classificando-o como extravagante. Ao tratar do consumo de luxo, justifica-o como reflexo de imaturidade. Já para os grupos sociais que só conseguem consumir itens básicos para garantir a subsistência, o consumo que ultrapasse esse limite é considerado supérfluo e o consumidor, insensato e irresponsável.

Pode-se citar o exemplo da jovem que gastou 28 mil reais, submetendo-se a várias cirurgias plásticas para ter o aspecto da boneca Barbie², de um lado e de outro a crítica que se faz a uma família que prefere comprar eletrodomésticos a fazer poupança³ ou jovem pobre que gasta dinheiro em salão de beleza).

A lógica capitalista que transformou em mercadoria até bens imateriais, como educação e saúde, tornou também as drogas – lícitas e ilícitas - importante fonte de lucros (Soares, Campos, 2009).

A sociedade contemporânea, segundo Adorno (2008: s.p.), *traz à tona situações complexas que envolvem uso e consumo como expressão de uma lógica capitalista hegemônica que se dá pelo consumo acelerado e por excesso (...); o consumo*

² <http://encontreaqui.org/garota-de-24-anos-gasta-28-mil-para-ficar-igual-a-barbie-050904/>

³ <http://manaustrade.blogspot.com.br/2007/10/pobre-gasta-mais-e-rico-poupa.html>

desenfreado e excessivo é a expressão da lógica capitalista hegemônica. Nessa lógica:

o consumo de drogas lícitas e ilícitas representa um extenso domínio econômico em função de produção e consumo, sejam as drogas legais ou ilegais, [e] o hábito do excesso, (...) é uma característica da sociedade de consumo na contemporaneidade (...).
(Adorno, 2008: s.p.)

Outra característica procurada nas substâncias psicoativas é a de ser fonte de prazer rápido, valor apreciado na sociedade contemporânea, hedonista e de consumo (Soares, Campos, 2009).

Estratégias de marketing para incentivo do consumo de álcool pelos jovens, especialmente as cervejas, tem se aprimorado; na legislação brasileira a cerveja não é considerada bebida alcoólica para fins de publicidade, por ter menos de 13ºGL, e com isso as propagandas na TV tem investido na promoção *da bebida como se fosse um produto qualquer, atingindo, inclusive, o público adolescente menor de idade* (Vendrame, et al., 2009), ainda mais considerando-se que *não há restrição de horário para propagandas dessas bebidas* (Faria, et al., 2011).

Estudo refere que os adolescentes estão bastante expostos a publicidade de bebidas alcoólicas, e que dentre elas as de cerveja são as mais apreciadas. Embora não seja possível afirmar que haja uma relação direta entre publicidade e aumento do consumo, é possível afirmar que quanto mais gostar da propaganda maior será a probabilidade de consumir aquele produto (Vendrame, et al., 2009).

A publicidade, que influencia o consumo de bebidas alcoólicas, utiliza a estratégia de mostrar situações similares às das vidas dos jovens (Faria, et al., 2011) certamente às de jovens com melhores condições financeiras, e segundo Vendrame et al (2009), as que mais agradam o público jovem são as que recorrem aos temas relacionados a humor e erotismo.

Esses temas estão associados ao que os jovens associam com o que consideram o melhor da juventude - *aproveitar a vida, não ter preocupação ou responsabilidade, ter liberdade* (Abramo, 2005).

Provavelmente neste estudo os jovens que mais se identificariam com essa publicidade são os de melhores condições socioeconômicas, foram os que verbalizaram mais claramente a percepção da passagem para a juventude e também como é vivenciar essa fase da vida. Entre eles o consumo de álcool foi descrito de forma mais exuberante.

No entanto, também foram os que relataram perceber um certo monitoramento por parte dos pais, que preferem que os filhos iniciem o consumo de bebidas alcoólicas em casa, num ambiente protetor, junto com familiares. Também relataram que os pais bebem moderadamente. Essas atitudes dos pais são consideradas protetivas para os jovens (Faria, et al., 2011).

Opostamente a essa vivência, foi entre jovens dos demais grupos o relato de início do consumo de álcool escondido dos adultos, em lugares desprotegidos e em companhia de amigos da escola fundamental, evidenciando o início do consumo de álcool mais precocemente. Foi entre esses jovens também o relato de viverem com pais ou familiares abusadores de bebidas alcoólicas. O consumo de bebidas alcoólicas entre esses jovens, exceto entre os que vivem em abrigo e em situação de rua, foi associado a momentos de lazer.

Ao sugerir que o jovem beba em casa para “aprender os limites” ou com os pais, que bebem moderadamente, quando vão juntos a restaurantes, como foi relatado por grande parte dos jovens que usufruem melhores condições socioeconômicas, os pais estão dando parâmetros da utilização da droga por prazer. Ainda que o jovem tenha padrão diferente ao beber na ausência dos pais, tem a referência do que seja beber por prazer.

À medida que o usuário de substâncias psicoativas aprende como usá-las e reconhece os efeitos que ela produz, especialmente os que lhe propiciem satisfação, a substância passa a ser objeto do prazer. Define uso por prazer aquele que não tem caráter compulsivo e que do uso derive algum prazer (Becker, 2008).

O aprendizado é passado pelos usuários mais experientes, que ensinam o jovem desde como usar a droga, estabelecer limites, os efeitos e o reconhecimento destes efeitos como prazerosos (Becker, 2008).

Pode-se inferir que os jovens que podem acessar mais recursos materiais e imateriais para enfrentar os desgastes advindos das condições de vida e muitas vezes também das condições de trabalho e que podem, portanto, usufruir um rol de outras situações prazerosas, tem mais possibilidades de classificar o álcool como um dos prazeres da vida, que concorre com outros.

Esses jovens, mesmo relatando um consumo de álcool mais intenso no presente, sinalizaram mais claramente esse consumo no conjunto de outras atividades prazerosas (viajar, sair com amigos e com familiares, ir ao cinema, à baladas e ao teatro, promover jantares e encontros dos amigos na casa para assistirem e discutirem filmes, entre outros), que fazem parte do que descrevem como aproveitar tudo, se divertir e viver intensamente essa fase da vida.

Essa intensidade pode estar associada, por um lado, ao consumismo propagado como panacéia para todos os males.

A busca do prazer chega aos limites da compulsão, entendida como modalidade de agir caracterizada pela repetição do mesmo, que é permanentemente relançada, já que o alvo da ação não é alcançado. Daí sua repetição incansável, que assume o caráter imperativo (...). Em busca do prazer, ainda que momentâneo, os mais diversos objetos são alvo de consumo compulsivo – roupas, CDs, livros, comida, drogas (medicamentos, álcool, drogas ilícitas) Birman (2006, p. 181).

Por outro lado, esses jovens sinalizaram que precisavam aproveitar intensamente a vida agora, que tem menos responsabilidades do que um adulto, porque ao terminarem a faculdade terão pela frente outra perspectiva que não combinará com esse estilo de vida que tem no presente. Evidenciam a concepção funcionalista de juventude e expressam a transitoriedade desse padrão, inclusive do consumo de álcool.

Expressaram a intencionalidade de alteração dessa intensidade de diversão, inclusive dos níveis de consumo de álcool, indicando a clara percepção de transitoriedade desse padrão, que se concretizará para grande parte desses jovens. Segundo Carlini-Marlatt (2005) a tendência, para a grande maioria dos jovens que consomem bebidas alcoólicas

exageradamente, é beber moderadamente ou até mesmo parar de beber ao tornarem-se adultos.

Já para os jovens dos outros grupos, com exceção do grupo dos residentes em abrigo, as atividades de lazer não foram descritas com tanta exuberância. O consumo de bebidas alcoólicas, principalmente cerveja, é parte integrante das atividades prazerosas que realizam - entre os homens foi majoritariamente lembrado o futebol (praticando o esporte ou assistindo pela TV o jogo com amigos), entre jovens dos dois sexos foram citadas festas, quando consomem também destilados, e conversa com amigos ou colegas de classe no bar.

Entre esses jovens não foi sinalizada a perspectiva futura de mudança no padrão de vida, na intensidade de realização das atividades, nem no padrão de consumo de álcool.

Já entre os residentes do abrigo o consumo de álcool estava entre as outras estratégias de sobrevivência, não foi verbalizada nenhuma perspectiva de alterar a situação de vida, a menos que fossem contemplados pela sorte.

A large, light gray decorative swirl or floral motif is positioned on the right side of the page, extending from the top right towards the bottom right. It features elegant curves, loops, and small leaf-like details.

7 Considerações finais

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo partiu do pressuposto que o consumo de álcool apresenta diferentes características quando se considera jovens de diferentes grupos sociais, o que foi confirmado. Portanto, mostrou-se metodologicamente adequado para responder os objetivos propostos pela pesquisa.

Ao primeiro objetivo - identificar e analisar similaridades e diferenças nas concepções de juventude entre jovens de diferentes grupos sociais – este estudo identificou que as similaridades foram: a compreensão da juventude como período transitório e de preparo para a vida adulta; juventude como período de pouca responsabilidade. Já as principais diferenças encontradas foram: desiguais vivências dessa etapa, desiguais possibilidades de desenvolvimento de autonomia e de vislumbre de perspectiva de futuro melhor, com vantagem para os jovens de mais acesso a bens.

Ao segundo objetivo - identificar e analisar similaridades e diferenças nas características do consumo de bebidas alcoólicas entre jovens dos diferentes grupos sociais – este estudo verificou que a similaridade é a valorização do álcool como fonte de prazer e de facilitação da sociabilidade. Com relação às diferenças verificou-se que as idades de início foram mais precoces e as primeiras experiências de consumo ocorreram em locais desprotegidos, quando considerados os jovens com menos acesso a bens. Entre os de melhor situação socioeconômica o consumo de álcool é um entre vários outros prazeres que o jovem desfruta, e os excessos parecem estar mais circunscritos a essa etapa da vida.

Os resultados mostraram similaridades na percepção de aspectos da vivência da juventude, também compartilhadas por jovens de outros estudos, o que evidencia que há valores assimilados pelos jovens que perpassam todas as classes, parecem ser características da geração juvenil. No entanto há heterogeneidades que se mostram associadas às desiguais condições de reprodução social; os jovens de menor acesso a bens expressaram a dificuldade de vislumbrar um futuro melhor e até mesmo negaram a passagem pela etapa da juventude.

Esse estudo evidenciou também que a crítica à falta de expectativa de melhor condição de vida associada às condições de reprodução social do jovem foi verbalizada por jovens do grupo social intermediário, sugerindo que a possibilidade de ingressar no curso superior pode favorecer a reflexão e contribuir para leitura crítica da realidade.

Os resultados evidenciaram a necessidade das políticas públicas encaminharem projetos que considerem a heterogeneidade social dos jovens, considerando que as condições de reprodução social estão nas bases de suas necessidades de saúde, e que os trabalhadores de saúde partam dessas necessidades para o desenvolvimento de seus processos de trabalho.

A large, light gray decorative swirl or floral motif is positioned on the right side of the page, extending from the top to the bottom. It features elegant curves, loops, and small leaf-like details.

Referências

REFERÊNCIAS

Abramo HW. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: Abramo HW, Branco PPM (organizadores). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005:37-72.

Adorno, RCF. Uso de álcool e drogas e contextos sociais da violência. Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog [periódico na internet]. 2008;4(1).

Almeida Filho N, Lessa I, Magalhães L, Araújo MJ, Aquino E, Kawachi I, et al. Alcohol drinking patterns by gender, ethnicity, and social class in Bahia, Brazil. Rev Saúde Pública [periódico na internet]. 2004;38(1):45-54.

Alves MVQM, Costa COM, Nascimento Sobrinho CL, Santos CAST, Gomes WA, Assis DR. Uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes: perfil de experimentação, uso regular e fatores de risco. Rev baiana saúde pública. 2005;29(1):91-104.

Brasil. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas. I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras. Brasília: SENAD, 2010.

Aquino L. A Juventude como Foco das Políticas Públicas. In: Castro et al (organizadores). Juventude e Políticas Sociais no Brasil. Brasília: Ipea; 2009.

Araújo LB, Gomes WB. Adolescência e as expectativas em relação aos efeitos do álcool. Psicol Reflex Crit [periódico na internet]. 1998; 11(1).

Armendáriz García NA, Aguilar LR, Facundo FRG. Efeito da auto-estima sobre o consumo de álcool e fumo em adolescentes da área rural de Nuevo León, México. SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog [periódico na internet]. 2008;4(1).

Azevedo L B, Bolzzoni A, Silveira T R, Soibelman M. Consumo de bebidas alcoólicas por menores de 15 anos residentes em um município de colonização tipicamente italiana no Rio Grande do Sul. Rev AMRIGS.1991;35(1):15-8.

Ballistreri MC, Corradi-Webster CM. O uso de bebidas energéticas entre estudantes de educação física. Rev Latino-Am. Enfermagem. 2008;16(especial):558-64.

Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2009.

Barroso T, Mendes A, Barbosa, A. Análise do fenômeno do consumo de álcool em adolescentes: estudo realizado com adolescentes do 3º ciclo de escolas públicas. *Rev Latino-am Enfermagem*. 2009;17(3).

Becker HS. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro:Zahar; 2008.

Bertoni N, Bastos FI, Mello MB, Makuch MY, Sousa MH, Osis MJ, et al . Uso de álcool e drogas e sua influência sobre as práticas sexuais de adolescentes de Minas Gerais, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2009;25(6): 1350-1360.

Birman J. Adolescência sem fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano [texto na internet]. Rio de Janeiro: EPOS; 2007. [citado 2011 jan. 10] Disponível em: <http://www.eposgsv.org/arquivos/adolescencia.pdf>.

Birman, J. Laços e desenlaces na contemporaneidade. *J psicanal*. 2007;4(72).

Birman J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2006.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Vigitel Brasil 2009: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.

Carlini BH, Pires MLN, Fernandes R, Masur J. O consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes de primeiro grau na cidade de São Paulo. *J Bras Psiquiatr*. 1986;35(5):279-85.

Carlini-Cotrim B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. *Rev Saúde Pública* [periódico na internet]. 1996;30(3).

Carlini-Marlatt B. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In: Abramo HW, Branco PPM (organizadores). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2005. p. 303-21.

Carvalho VA, Cotrim BC. Atividades extra-curriculares e prevenção ao abuso de drogas: uma questão polêmica. *Rev Saúde Pública*. 1992;26(3):145-9.

Castro MG, Abramovay M. Juventudes no Brasil: vulnerabilidades negativas e positivas, desafiando enfoques de políticas públicas. In: Petrini C, Cavalcanti VRS (organizadores) *Família, sociedade e subjetividade: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes; 2002..p.54-83.

Chalder M, Elgar FJ, Bennett P. Drinking and motivations to drink among adolescent children of parents with alcohol problems. *Alcohol & Alcoholism*. 2006;41(1): 107–113.

Cooper ML, Frone MR, Russell M, Mudar P. Drinking to regulate positive and negative emotions: a motivational model of alcohol use. *J Pers Soc Psychol*. 1995;69(5):990-1005.

Corti AP, Souza R. Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa; 2005.

Corradi-Webster CM, Esper LH, Pillon SC. A enfermagem e a prevenção do uso indevido de drogas entre adolescentes. *Acta Paul. Enferm* 2009;22(3):331-4.

Costa MCO, Alves MVQM, Santos CAST, Carvalho RC, Souza KEP, Sousa HL. Experimentação e uso regular de bebidas alcoólicas, cigarros e outras substâncias psicoativas/SPA na adolescência. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2007;12(5):1143-54.

Da Silva ML, Rumbao F, Benitez G, García R, Rodríguez T. Consumo de alcohol y relaciones sexuales en adolescentes del sexo femenino. *Rev de La Facultad de Medicina*. 2001;24(2):135-9.

Dalgalarondo P, Soldera M A, Filho H R C, Silva C A M. Religião e uso de drogas por adolescentes. *Rev Bras Psiquiatr*. 2004;26(2):82-90.

Elgar FJ, Roberts C, Parry-Langdon N, Boyce W. Income inequality and alcohol use: a multilevel analysis of drinking and drunkenness in adolescents in 34 countries. *Eur J Public Health*. 2005;15(3):245-50.

Erikson, EH. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Guanabara; 1987.

Escohotado A. Historia general de las drogas. Madrid: Alianza Editorial; 1989.

Faria R, Vendrame A, Silva R, Pinsky I. Propaganda de álcool e associação ao consumo de cerveja por adolescentes. *Rev Saúde Pública [periódico na internet]*. 2011;45 (3)

Farias Júnior JC, Lopes AS. Comportamentos de risco relacionados à saúde em adolescentes. *R Bras Ci e Mov*. 2004;12(1):7-12.

Farias Júnior JC, Nahas MV, Barros MVG, Loch MR, Oliveira ESA, De Bem MFL, et al. Comportamentos de risco à saúde em adolescentes no Sul do Brasil: prevalência e fatores associados. *Rev Panam Salud Publica*. 2009; 25(4):344-52.

Fraile Duvicq CG, Pereira NR, Carvalho AMP. Consumo de drogas lícitas e ilícitas en escolares y factores de protección y riesgo. Rev. Latino-Am. Enfermagem 2004;12(especial):345-51.

Galletti FCB. O papel da família na construção da identidade de adolescentes e sua relação com o uso do álcool. Arq Méd ABC. 2001;24(1):25-8.

Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.

Hanson MD, Chen E. Socioeconomic status and health behaviors in adolescence: A review of the literature. Journal of Behavioral Medicine. 2007;30(3): 263-85.

Heim J, Andrade AG. Efeitos do uso do álcool e das drogas ilícitas no comportamento de adolescentes de risco: uma revisão das publicações científicas entre 1997 e 2007. Rev Psiq Clín. 2008;35(1):61-4.

Horta RL, Horta BL, Pinheiro RT, Morales B, Strey MN. Tabaco, álcool e outras drogas entre adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: uma perspectiva de gênero. Cad Saúde Pública. 2007;23(4):775-83.

Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Consumo de bebidas alcoólicas por menores: relatório consolidado [relatório na internet]. 2011. [citado 2011 nov 18]. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/usr/share/documents/271.pdf>

Kehl MR. A juventude como sintoma da cultura. In: Juventude e Sociedade – Trabalho, educação, cultura e participação. Instituto Cidadania, Ed. Fundação Perseu Abramo. 2004.

Lachtim SAF, Soares CB. Trabalho de jovens estudantes de uma escola pública: fortalecimento ou desgaste?. Rev Bras Enferm. 2009;62(2):179-86.

Lachtim SAF, Soares CB. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam?. [periódico na internet] Trab. educ. saúde. 2011;9(2):277-94.

Léon OD. Uma revisão das categorias de adolescência e juventude. In: Guimarães MTC, Sousa SMG. (organizadores). Juventude e contemporaneidade: Desafios e perspectivas. Goiânia - GO: Cênone Editorial: Editora da Universidade Federal de Goiás; 2009. p. 47 – 76.

Lervolino AS, Pelicioni MCF. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. Rev Esc Enferm USP [periódico na internet]. 2001;35(2).

Maisler MC. Factores socioculturales que inciden en el consumo de alcohol en adolescentes escolarizados en el ciclo básico de Cipolletti [dissertação]. Argentina: Facultad de Ciencias Médicas, Universidad Nacional de Córdoba; 2007.

Margulis M, Urresti M. La juventud es más que una palabra. In: Margulis M (organizador). La juventud es más que una palabra. Buenos Aires: Biblos; 1996. p.03-12.

Margulis M. Juventude uma aproximação conceptual. In: Burak SD (organizador). Adolescência y Juventud en América Latina. Cartago: Libro Universitario Regional. 2001. p. 41-56.

Martins RA, Cruz LAN, Teixeira PS, Manzato AJ. Padrão de consumo de álcool entre estudantes do ensino médio de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog [periódico na internet]. 2008;4(1).

Maya Sánchez MA, García Zavala G. Estudio epidemiológico sobre el uso de alcohol en población joven de 14 a 18 años. Rev. Salud Pública Méx. 1986;28(4):371-9

Mathews IS, Pillon SC. Factores protectores y de riesgo asociado al uso de alcohol en adolescentes hijos de padre alcohólico, en el Perú. Rev. latinoam. enferm. 2004;12(número especial):359-368.

Mendoza AZ. O uso de álcool na adolescência, uma expressão de masculinidade [tese]. Ribeirão Preto: , Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; 2004 [acesso 2011 Jan 17]. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-28042005-094435/>.

Minayo MCS. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. 3ª ed. São Paulo: Hucitec; 1994.

Morán Sánchez F, Ferriani MGC. Percepcion de padres y profesores de los factores de riesgo para el uso de drogas licitas e ilícitas em los escolares. 2004: Rev. latinoam. enferm;12(número especial):352-358

Musayón Y, Caufield C. Consumo de drogas e violência no trabalho feminino em Zapallal – Lima, Peru. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2005;13(número especial):1185-93.

Muza GM, Bettiol H, Muccillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). II – Distribuição do consumo por classes sociais. Rev Saúde Pública. 1997;31(2):163-70.

Muza GM, Bettiol H, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto. I - Prevalência do consumo por sexo, idade e substância. *Rev Saúde Pública*. 1997;32(1):21-9.

Oderich GSC, Pechansky F, Tatsch FF, Cavazzola LT, Boeno RL, Menegaz F. Consumo de bebidas alcoólicas em alunos de escolas públicas de Porto Alegre, RS. *Rev. AMRIGS*. 1995;39(3):229-36.

Oliveira MR, Luis MAV. Factores de riesgo para el consumo de alcohol en escolares de 10 a 18 años, de establecimientos educativos fiscales en la ciudad de La Paz - Bolivia (2003 - 2004). *Rev Latino-am Enfermagem* 2005; 13(número especial):880-7.

Ott J. *Pharmacothéon Drogas Enteogénicas, sus fuentes vegetales y su historia*. La Liebre de Marzo; 1993.

Pais JM. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. *Análise Social*, 1990;15(105-106):139-165.

Pechansky F, Szobot CM, Scivoletto S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Rev Bras Psiquiatria*. 2004;26(1).

Pinsky I, Jundi SARJ. O impacto da publicidade de bebidas alcoólicas sobre o consumo entre jovens: revisão da literatura internacional. *Rev Bras Psiquiatria*. 2008;30(4):362-74.

Romano M, Duailibi S, Pinsky I, Laranjeira R. Pesquisa de compra de bebidas alcoólicas por adolescentes em duas cidades do Estado de São Paulo. *Rev Saúde Pública*. 2007;41(4):495-01.

Rouillier P, Boutron-Ruault MC, Bertrais S, Arnault N, Daudin JJ, Bacro JN, et al. Drinking patterns in French adult men--a cluster analysis of alcoholic beverages and relationship with lifestyle. *Eur J Nutr*. 2004;43(2):69-76.

Sampaio Filho FJL, Sousa PRM, Vieira NFC, Nóbrega MFB, Gubert FA, Pinheiro PNC. Percepção de risco de adolescentes escolares na relação consumo de álcool e comportamento sexual. *Rev Gaúcha Enferm*. 2010;31(3):508-14.

Silva LVER, Malbergier A, Stempliuk VA, Andrade AG. Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. *Rev Saúde Pública* [serial on the Internet]. 2006 [cited 2012 Apr 15];40(2):[280-288]. Available from: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000200014&lng=en

Scivoletto S, Tsuji RK, Abdo CHN, Queiroz S, Andrade AG, Gattaz WF. Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual de estudantes de 2º grau de São Paulo. *Rev Bras Psiquiatr.* 1999;21(2):84-94.

Soares CB, Ávila LK, Salvetti MG. Necessidades (de saúde) de adolescentes referidas à família, escola e bairro. *Rev Bras de Crescimento e Desenvolvimento Humano.* 2000;10(2):19-34.

Soares CB, Campos CMS. Consumo de drogas. In: Borges ALV, Fujimori E. (organizadores). *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica.* Barueri: Manole; 2009. p.436-68.

Soares CB. Mais que uma etapa do ciclo vital: a adolescência como um construto social. In: Borges ALV, Fujimori E. (organizadores). *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica.* Barueri: Manole; 2009. p.3-22.

Sposito MP, Carrano PCR. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Rev Bras Educ.* 2003;24:16-39.

Sposito MP. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: Abramo HW, Branco PP (organizadores). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.* São Paulo: Perseu Abramo; 2005.

Strauch ES, Pinheiro RT, Silva RA, Horta BL. Uso de álcool por adolescentes: estudo de base populacional. *Rev Saúde Pública.* 2009;43(4):47-55.

Vendrame A, Pinsky I, Faria R, Silva R. Apreciação de propagandas de cerveja por adolescentes: relações com a exposição prévia às mesmas e o consumo de álcool. *Cad Saúde Pública.* 2009;25(3):359-65.

Vieira PC, Aerts DRGC, Freddo SL, Bittencourt A, Monteiro L. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. *Cad Saúde Pública.* 2008;24(11):2487-98.

Vieira DL, Ribeiro M, Romano M, Laranjeira RR. Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais. *Rev Saúde Pública.* 2007;41(3):396-403.

A large, light gray decorative swirl or floral motif is positioned on the right side of the page, extending from the top towards the bottom. It features elegant curves, loops, and small leaf-like details.

Apêndices e Anexo

APÊNDICE I

ROTEIRO GRUPO FOCAL

Grupo focal para discussão do tema (motivações/contextos do início do consumo de álcool entre esses jovens):

Apresentação dos participantes: nome, idade, onde mora, o que faz.

Objetivo: “quebrar o gelo” entre os participantes, possibilitar ambiente de troca.

Questões norteadoras da discussão pelo grupo

1. Como é ser jovem onde você mora?
2. O que tem para os jovens fazerem onde você mora? (aspectos bons e outros nem tanto – o que você faz no seu dia a dia? (trabalho, vida e lazer)
3. Como é o seu dia a dia, no local onde você mora?

Essas questões têm por objetivo mobilizar os jovens a refletirem sobre o seu cotidiano e para que eles relatem seus potenciais de fortalecimento e de desgaste no âmbito do trabalho e da vida.

4. Quais as dificuldades que você encontra no seu dia a dia, para “tocar a sua vida”? Como enfrenta essas dificuldades?
5. O que você faz para se divertir? (lazer sozinho, com amigos e com a família)

Essas questões têm por objetivo mobilizar os jovens para relatarem o consumo de álcool como fonte de prazer ou como mecanismo para enfrentar dificuldades.

6. Você se lembra das primeiras vezes que consumiu bebidas alcoólicas? Como foi? (Onde? Com quem? Em que dia da semana? Que tipo de bebida? Quanto? Por que ou para que bebeu pela primeira vez?)
7. E atualmente onde você bebe? Com quem? Que tipo de bebida? Quanto você bebe? Por que ou para que bebe?)

Essas questões têm por objetivo mobilizar os jovens para relatarem as motivações e os contextos do início do consumo de álcool e para comparar se essas motivações/contextos permanecem ou se modificaram.

APÊNDICE II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM
 Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
 Tel.: (011) 3061-7652 - FAX (011) 3061-7662
 C.P. 41633- CEP 05422-970

Eu, Alessandra Cofani, pós-graduanda da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, estou realizando o estudo *CONTEXTOS DE INÍCIO DO CONSUMO DE ÁLCOOL POR JOVENS: NO QUE SE ASSEMBELHAM E NO QUE DIFEREM ENTRE JOVENS DE DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS?*, com orientação da prof^a Célia Maria Sivalli Campos. Este estudo tem por objetivo: Compreender os contextos de início de consumo de álcool pelos jovens dos diversos grupos sociais.

Os resultados desse estudo têm potência para contribuir para o aprimoramento das ações voltadas à juventude, por meio de políticas públicas voltadas a esse segmento da população.

Solicito por meio deste documento o seu consentimento para participar do estudo. Com a sua participação, será realizada uma entrevista em grupo de aproximadamente 1 hora de duração que será gravada e, posteriormente, transcrita, mas o seu nome não será revelado sob nenhuma hipótese. Gostaria de esclarecer que sua participação é voluntária e que não traz riscos para você. Nada será cobrado por ela, assim como não haverá remuneração financeira caso você participe. Esclareço ainda que você receberá uma cópia deste documento e poderá pedir mais informações a respeito do estudo a qualquer momento. Você poderá recusar-se a participar da pesquisa inclusive podendo abandoná-la ou retirar seu depoimento quando desejar, sem que isso lhe traga prejuízos de qualquer espécie. As informações serão utilizadas somente neste estudo e não causarão quaisquer prejuízos a você. Os dados compilados serão analisados e divulgados em eventos de caráter científico e em publicações da área da saúde.

Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato comigo pelo telefone (11) 85402910, ou com a prof^a Célia, pelo telefone (11) 3061-7652*.

São Paulo, ____ de _____ de 2011.

 Assinatura do pesquisador

Declaro que estou suficientemente esclarecido a respeito da pesquisa e concordo em participar dos grupos focais.

 Assinatura do participante do grupo

*Caso tenha alguma dúvida, ou queira algum tipo de esclarecimento ou reclamação sobre os procedimentos éticos deste estudo, por favor, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP e – mail: edipesq@usp.br.

ANEXO I

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3061-7548/8858 - Fax: (011) 3061-7548 -
São Paulo - SP - Brasil
e-mail: edipesq@usp.br

São Paulo, 08 de abril de 2011.

Ilm.^a Sr.^a
Alessandra Cofani

Ref.: Processo nº 1016/2010/CEP-EEUSP

Prezada Senhora,

Em atenção à solicitação referente à análise do projeto **“Contextos de início do consumo de álcool por jovens: no que se assemelham e no que diferem entre jovens de diferentes grupos sociais?”**, informamos que o mesmo foi considerado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CEP/EEUSP).

Analisado sob o aspecto ético-legal, atende às exigências da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que após o término da pesquisa, os resultados obtidos deverão ser encaminhados ao CEP/EEUSP, para serem anexados ao processo.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Célia Maria Sivalli Campos
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo